

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA , LÍNGUAS
CLÁSSICAS E VERNÁCULA**

**ANÁLISE CONTRASTIVA DOS SISTEMAS FONOLÓ-
GICOS DO JAPONÊS E DO PORTUGUÊS.**

Subsídios para o ensino de japonês para falantes do
português do Brasil

ALICE TAMIE JOKO

Dissertação apresentada ao Departamento de Lin-
guística, Línguas Clássicas e Vernácula da Uni-
versidade de Brasília como requisito parcial para
a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Dra. MIMAIS THEREZINHA DA MATTA MACHADO
Orientadora

BRASÍLIA, 1987

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LÍNGUAS
CLÁSSICAS E VERNÁCULA

ANALISE CONTRASTIVA DOS SISTEMAS FONOLÓGICOS DO
JAPONÊS E DO PORTUGUÊS
Subsídios para o Ensino de Japonês para falantes do Português do Brasil

Alice Tamie Joko

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística,

Dra. Mirian Therezinha da Matta Machado
Orientadora

Brasília, 1987

Universidade de Brasília

28.MAR 89 U 4190-9

AGRADECIMENTOS

À Dra. Mirian Therezinha da Matta Machado pela orientação, pelos conhecimentos transmitidos e pela amizade.

Ao Prof. Yoshio Mase, da Universidade Nacional de Shinshu, Japão, pela orientação do aspecto fonético da língua japonesa, durante a sua permanência como Professor Visitante na Universidade de São Paulo.

Ao Dr. Danilo P. Lobo por sua relevante ajuda, proporcionando-me condições para prosseguir este trabalho. Estendo meus agradecimentos ao Professor Dário Pagel da Universidade de Florianópolis, que juntamente com o Dr. Danilo, participou da minha banca examinadora.

À FUNDAÇÃO JAPÃO que com seu programa de assistência às instituições, proporcionou-me a oportunidade de atuar como docente do Ensino Superior, o que ocasionou a realização desta pesquisa. Ao CNPq e CAPES pelas bolsas concedidas.

A todos os professores do Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula que me orientaram durante meus estudos no Curso de Mestrado em Linguística.

Aos informantes e demais alunos do Curso de Língua Japonesa da UnB.

Por fim, agradeço, em particular, a todas as pessoas amigas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

ÍNDICE

	<u>Página</u>
AGRADECIMENTOS	iii
LISTA DE QUADROS E DIAGRAMAS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
1 - INTRODUÇÃO	01
1.1 - O Ensino da Língua Japonesa no Brasil	01
1.2 - Estágio Atual dos Estudos Referentes a língua japonesa falada no Brasil	04
Notas do Capítulo 1	06
2- O PRESENTE ESTUDO	07
2.1 - Objetivos	07
2.2 - Métodos e Procedimentos adotados	07
2.3 - Corpus	09
2.3.1 - Corpus 1	12
2.3.2 - Corpus 2	21
2.3.2 - Corpus 3	24
2.4 - Informantes	26
2.5 - Falares Descritos	27
2.6 - Notação Fonética	27
Notas do Capítulo 2	32
3 - DESCRIÇÃO DOS SISTEMAS FONOLÓGICOS DO JAPO- NÊS E DO PORTUGUÊS	33
3.1 - Sistema Fonológico do Japonês	33
3.1.1 - Fonemas Segmentais	33
3.1.1.1 - Consoantes e Semiconsoantes	33
3.1.1.1.1 - Alofones	34
3.1.1.1.2 - Vogais	35
3.1.1.1.2.1 - Alofones	45
3.1.2 - Fatos Supra-Segmentais	54
3.1.2.1 - Acento	54

	<u>Página</u>
5.1.2.2 - Entoação	56
3.1.3 - Estrutura Silábica	57
3.1.4 - Distribuição dos Fonemas	58
3.1.4.1 - Distribuição das Vogais	58
3.1.4.2 - Distribuição das Consoantes e Semiconsoantes	59
3.2 - Sistema Fonológico do Português	61
3.2.1 - Fonemas Segmentais	61
3.2.1.1 - Consoantes	61
3.2.1.1.1 - Alofones	62
3.2.1.2 - Vogais	66
3.2.1.2.1 - Alofones	67
3.2.2 - Fatos Supra-Segmentais	69
3.2.2.1 - Acento	69
3.2.2.2 - Entoação	70
3.2.3 - Estrutura Silábica	73
3.2.4 - Distribuição dos Fonemas	75
3.2.4.1 - Distribuição das Vogais	75
3.2.4.2 - Distribuição das Consoantes	76
Notas do Capítulo 3	81
4- COMPARAÇÃO DOS SISTEMAS FONOLÓGICOS DO JAPONÊS E DO PORTUGUÊS	82
4.1 - Análise Contrastiva das Consoantes	82
4.2 - Análise Contrastiva das vogais	83
4.3 - Análise Contrastiva dos Fonemas Si- milares	84
4.3.1 - Fonemas Consonantais	84
4.3.1.1 - Fonemas Comuns a Ambos os Siste- mas	84
4.3.1.2 - Fonemas em Japonês e Alofones em Português	90
4.3.1.3 - Alofones em Japonês e Fonemas em Português	92

	<u>Página</u>
4.3.1.4 - Alofones em Ambos os Sistemas	94
4.3.2 - Fonemas Vocálicos	97
4.3.2.1 - Fonemas Comuns aos Dois Sistemas	97
4.3.3 - Sílabas Comuns aos Dois Sistemas	99
4.4 - Análise Contrastiva dos Fatos Supra- Segmentais	102
4.4.1 - Acento	102
4.4.2 - Entoação	102
Notas do Capítulo 4	103
5 - LEVANTAMENTO DE ERROS	104
5.1 - Erros de Percepção	104
5.2 - Erros de Reprodução	109
6 - CONCLUSÃO	111
7 - BIBLIOGRAFIA	116

LISTA DE QUADROS E DIAGRAMAS

	<u>Página</u>
Quadro nº 1 - Transcrição do japonês em alfabeto romano	10/11
Quadro nº 2 - Alfabeto Fonético Internacional	29
Quadro nº 3 - As consoantes do japonês	30
Quadro nº 4 - As consoantes do português do Brasil	31
Quadro nº 5 - As consoantes do japonês e seus principais alofones	52
Quadro nº 6 - Cs alofones das vogais do japonês	53
Quadro nº 7 - As consoantes do português e seus principais alofones	79
Quadro nº 8 - Os alofones das vogais do português do Rio de Janeiro	80
Quadro nº 9 - Representação esquemática das zonas de articulação das vogais do português do Rio de Janeiro	101
Quadro nº 10- Sílabas comuns aos dois sistemas	100
Diagrama nº 1 - Relação entre as vogais do japonês e as vogais cardinais	101

RESUMO

Este trabalho compoe-se de três partes: a primeira é uma descrição dos sistemas fonológicos do japonês e do português seguida de uma análise contrastiva destes dois sistemas; a segunda é um levantamento, através de testes de percepção e articulação, das principais dificuldades que os falantes do português do Brasil apresentam ao estudar o japonês; a terceira é a averiguação das possíveis interferências do sistema fonológico da língua materna na aprendizagem do japonês por falantes do português do Brasil relacionando o resultado da segunda parte com a análise contrastiva feita na primeira parte. A descrição dos sistemas fonológicos e a análise contrastiva do japonês e do português nos permitiram estabelecer as semelhanças e as diferenças existentes entre as duas línguas em questão. Os levantamentos feitos com informantes, estudantes de japonês, mostraram-nos que as dificuldades que persistem neles após a fase inicial da aprendizagem estão diretamente relacionadas aos fatos supra-segmentais de acento e duração. Como conclusão, um falante de língua portuguesa que deseja dominar o padrão da língua japonesa aceito por falantes nativos desta, terá que habituar-se a utilizar o acento musical, a duração e a mora como traços constitutivos da palavra e a entoação como elemento constitutivo da frase.

ABSTRACT

The study that follows is presented in three parts. Firstly, a description of the phonological systems of the Japanese and Portuguese languages is made followed by a contrastive analysis of these two systems. Secondly, resorting to perception and articulation tests, a survey of the main difficulties that face Brazilian Portuguese speakers as they try to learn Japanese is presented. Thirdly, an investigation of the possible interferences that the mother tongue can bring about in the learning of Japanese by Portuguese speakers is made and at the same time it is established a comparison between the results of the second part above and the contrastive analysis of the first part. The description of the phonological systems and the contrastive analysis made it possible to establish similarities and differences between Brazilian Portuguese and Japanese. The survey using students of Japanese as subjects showed that the difficulties that remain after the first initial learning stages are directly related to suprasegmental phenomena such as stress and length. Therefore, the conclusion is that a Portuguese speaker desiring to master the Japanese accepted by native speakers will have to acquire the habit of using musical stress, length and mora as essential features of the word and intonation as essential elements of the phrase.

1 - INTRODUÇÃO

1.1- O Ensino da Língua Japonesa no Brasil

O numero de pessoas que estudam a língua japonesa no Brasil tem crescido consideravelmente nos últimos anos. Diversas são as Universidades que atualmente oferecem cursos de língua japonesa. Entre elas, podemos citar, de acordo com o ano da criação destes cursos: Universidade Católica de Porto Alegre (1961), Universidade de São Paulo(USP)(1965), Universidade Federal do Rio Grande do Sul(1968),Universidade Federal do Pararia (1976),Univer sidade Estadual de Londrina (1977),Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1979), Universidade de Brasília (UnB) (1981) e, ainda, a Universidade Federal do Pará, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) e a Universidade de Campinas (UniCamp) cujas datas de criação destes cursos não foram mencionadas na fonte consultada.⁽¹⁾

Destas instituições citadas, a USP e a UFRJ oferecem o curso de Língua Japonesa a nível de bacharelado e licenciatura e, as outras, a nível de atividade de extensão ou como matéria optativa.

Alem destes cursos em instituições de ensino superior, existem outros, patrocinados pelas associações nipo-brasileiras, muitos recebendo subsídios do governo japonês, através dos seus consulados ou de órgãos tais como a Fundação Japão e a Japan International Cooperation Agency (JICA). Também tem-se tornado de significativa impor-

tância os cursos de língua japonesa, ministrados nas escolas particulares de línguas das grandes cidades. Contrastando com o aumento do número de cursos de língua japonesa, como língua estrangeira, o número das tradicionais "escolas japonesas" vem diminuindo gradativamente. São estas escolas fundadas pela comunidade nipônica, com a finalidade de ministrar aulas de japonês aos nipo-brasileiros, seguindo o método de ensino de japonês como língua materna. A razão do declínio dessas escolas está diretamente relacionado com o fim do fluxo imigratório dos japoneses para o Brasil, consequência natural da estabilidade econômica do Japão, nas últimas décadas. Segundo estatísticas feitas sobre o assunto, (SUZUKI, 1980), em 1963, a porcentagem dos nisseis (filhos de japoneses) que freqüentava as "escolas japonesas" era de 70%. Entretanto, já em 1977, esta mesma porcentagem era ocupada por alunos netos (sansei) ou bisnetos (yonsei) de japoneses, cabendo aos nisseis apenas os 30% restantes. Hoje uma considerável parcela dos descendentes de japoneses, que já não vivem no contexto sócio-cultural nipônico, procura os cursos de japonês, porém como segunda ou terceira língua. Estes, ao se juntarem a um número cada vez maior de alunos brasileiros sem ascendência japonesa, vêm engrossar o número de alunos brasileiros que atualmente estudam a língua japonesa.

As motivações e os objetivos destes alunos ao estudarem o japonês são diversos, mas, sem dúvida alguma, o atual prestígio do Japão no cenário internacional e os projetos de cooperação técnico-científica estabelecidos

com o Brasil, seja a nível governamental ou a nível de iniciativa privada, tem tido uma grande influencia no crescimento súbito do interesse dos brasileiros em aprender o idioma nipônico.

Evidentemente, estes alunos enfrentam grandes dificuldades ao aprender o japonês, o que é normal na aprendizagem de qualquer língua estrangeira. Tais dificuldades manifestam-se nos níveis fonológico, morfológico e sintático. Sabemos que, no processo da aprendizagem de uma língua estrangeira, a maior fonte de interferência que dificulta este processo é proveniente da estrutura da língua materna do aluno.

Tomemos, por exemplo, a aprendizagem da pronúncia do japonês pelos alunos brasileiros, cuja língua materna é o português. Eles perceberão os sons do japonês, de acordo com o sistema fonológico de sua língua e, no momento da reprodução destes sons serão levados a transferir para a pronúncia da língua estudada a base articulatória de sua língua materna. Como base articulatória, compreendemos aqui tanto os fatos segmentais: fonema e alofones; como também os supra-segmentais: ritmo, acento e entonação.

É fato notório que esta transferência ressaltada não é peculiar aos estudantes brasileiros de japonês, pois ocorre sempre na aprendizagem de uma língua estrangeira por aloglotas. Daí o reconhecimento geral entre os linguistas modernos de que o material didático utilizado no ensino de uma língua estrangeira deva ser preparado, com bases no conhecimento da descrição científica dos siste-

mas linguísticos, tanto da língua a ser ensinada, quanto da língua materna dos alunos.

O fato de não haver ainda um trabalho de análise contrastiva ao nível fonológico, entre o português e o japonês, que vise ao ensino, despertou-nos o interesse de fazer um estudo neste sentido, que viesse, em parte, servir de subsídios para a elaboração de material didático dirigido exclusivamente a brasileiros estudantes da língua japonesa, pois pensamos, como Robert LADO: "mesmo que o processo de comparar dois sistemas de sons tenha necessariamente de ser enfadonho, árido e abstrato, os resultados alcançados são de uso prático notório na elaboração de livros-texto, testes e exercícios para suplementar materiais inadequados e para avaliação de materiais,,," (LADO, 1966).

1.2 - Estágio atual dos estudos referentes à língua japonesa falada no Brasil

Não temos conhecimento de nenhum trabalho publicado sobre um estudo contrastivo dos sistemas fonológicos do português e do japonês, do ponto de vista da Linguística Aplicada, visando ao ensino de japonês para brasileiros, cuja língua materna seja o português.

Não obstante, há algumas pesquisas que usam o método da análise contrastiva para estudar a interferência da língua materna, tanto para o português, falado por imigrantes japoneses, como para o japonês falado por nipo-brasileiros.

Para o primeiro caso, há duas dissertações de Mes-

trado: uma feita por SEZAKI em 1980,⁽²⁾ cujo objetivo foi abordar o comportamento fonético dos japoneses falantes do dialeto de Tóquio, ao falar o português. A outra dissertação é um trabalho de DOI (DOI, 1983), que tem por objetivo "a identificação e o registro dos casos de interferência fonológica, verificados no Português falado pelos japoneses, resultantes do contato entre o português e o japonês".

Para o segundo caso, ou seja, o estudo da interferência do português no japonês falado por nipo-brasileiros, existe o artigo de NOMOTO (NOMOTO, 1969) onde o autor faz breves referências a algumas realizações fonéticas do japonês falado por nisseis e atribui à interferência do português as peculiaridades articulatórias do japonês falado por estudantes. Há ainda o trabalho de MASE (MASE, 1986) sobre algumas características fonológicas do japonês falado por brasileiros, filhos e netos de imigrantes japoneses, com referência aos fatos supra-segmentais. O mesmo autor fez duas palestras, abordando o mesmo tema: a primeira no IIº Encontro Nacional de Fonética e Fonologia, realizado na Universidade de Brasília, em setembro de 1986 e a segunda no IIº Congresso de Associação Latino Americana de Estudos Afro-Asiáticos, realizado na Universidade de São Paulo, em novembro do mesmo ano,

No Encontro realizado em Brasília nos mesmos tivemos a oportunidade de apresentar uma comunicação, cujo enfoque foi uma análise contrastiva dos sistemas fonológicos do japonês e do português, ressaltando as principais dificuldades encontradas por estudantes brasileiros na aprendizagem de pronúncia da língua japonesa

NOTAS DO CAPÍTULO 1

- (1) fonte: Pesquisa da Fundação Japão. Pesquisa 2 - Estudos Japoneses no Brasil, 1984
- (2) SHZAKI, apud DOI, 1933
- (3) MASE, Yoshio, Alguns aspectos do foneticismo japonês.
IN: Anais do IIº Encontro Nacional de Fonética e Fonologia. /em elaboração/
- (4) JOKO, A. T, Análise Contrastava dos Sistemas Fonológicos do Japonês e do Português, in: IIº Encontro Nacional de Fonética e Fonologia, UnB, Brasília, 1986,

2 - O PRESENTE ESTUDO

2.1 - Objetivos

O presente trabalho tem por objetivos fazer uma descrição dos sistemas fonológicos do japonês e do português, seguida de uma análise constrativa entre estes dois sistemas, e levantar as principais dificuldades que os falantes do português do Brasil têm ao aprender o japonês.

O fato de termos decidido por estes objetivos está ligado a nossos interesses profissionais. Há mais de dez anos vimos ensinando japonês a alunos brasileiros, principalmente adultos. Convivemos diariamente com as dificuldades que estes encontram na aquisição dessa língua e sentimos que estava faltando uma pesquisa, que tratasse de uma análise contrastiva dos sistemas em questão, visando a sua aplicação no ensino.

2.2 - Métodos e Procedimentos adotados

A análise dos sistemas fonológicos das línguas que são objetos do presente estudo basear-se-á na Fonética Articulatória. Entretanto, alguns aspectos, principalmente os referentes aos fatos supra-segmentais, serão elucidados com o auxílio da Fonética Acústica. A descrição será feita, sempre que possível, baseada em subsídios fornecidos pela Fonética Experimental].

Devido as dificuldades de elaborarmos material próprio relativo a documentos fornecidos pela Fonética Experi-

mental para a realização deste trabalho, como era nosso desejo, foram utilizados, para a descrição de alguns sons do português, imagens de filmes radiocinematográficos e traçados de sonogramas, oscilogramas e palatograma do arquivo particular da Prof^a Dra. Miriam MATTA MACHADO. Para a descrição articulatória do japonês, foram utilizados, principalmente, croquis baseados nas imagens dos filmes radiocinematográficos, realizados no Instituto de Pesquisa de Foniatria e Foniologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Tóquio, publicado no manual "A Pronúncia da Língua Japonesa"⁽¹⁾. Para os comentários relativos aos fatos supra-segmentais foram utilizados sonogramas e outros traçados de diversas fontes.

Em primeiro lugar serão descritos os fonemas e os alofones das línguas em questão e, em seguida, serão analisados os fatos supra-segmentais destas línguas. Uma análise contrastiva entre estes sistemas fonológicos completará esta parte da descrição.

A terceira parte do nosso objetivo será realizada a partir de testes de percepção e de pronúncia dos sons do japonês, aplicados aos nossos informantes, através de exercícios escritos e orais.

Nos testes de percepção usamos como modelo as fitas cassetes que acompanham os manuais A Pronúncia da Língua Japonesa e Introdução à Escrita⁽²⁾. Cada palavra foi repetida quatro vezes, com intervalos, para que os alunos registrassem, por escrito, os sons que estavam ouvindo, usando a escrita romana.

Os testes orais foram realizados de duas maneiras:

por imitação e leitura.

No primeiro caso, os informantes ouviram um diálogo gravado⁽³⁾ e repetiram-no em seguida, em gravação. Tanto as estruturas, quanto o vocabulário deste diálogo já eram do conhecimento dos alunos.

No segundo caso, os informantes ouviram diversas vezes algumas frases gravadas⁽⁴⁾, anotaram-nas e, em seguida, reproduziram-nas oralmente, também em gravação. Neste caso, as estruturas sintáticas já eram do conhecimento dos alunos, porém alguns vocábulos eram desconhecidos.

O número de ocorrência dos erros de cada palavra foi calculado em suas porcentagens.

Os resultados foram relacionados às análises contrastivas feitas para averiguação das possíveis interferências do sistema fonológico do português do Brasil na aprendizagem do japonês por brasileiros.

2.3 - Corpus

Para atendermos ao nosso objetivo de detectar as dificuldades dos alunos brasileiros, quanto a percepção, e à produção dos sons do japonês, elaboramos três corpora.

O primeiro, destinado a testes de percepção, teve como princípio básico a abrangência de todos os fonemas nas diversas posições na palavra: inicial, medial e final. Consta de 239 (duzentos e trinta e nove) palavras.

O segundo corpus, também destinado à percepção, compõe-se de 17 (dezessete) frases.

O terceiro corpus teve como principal objetivo detec-

tar os problemas relativos a produção dos sons do japonês. Consta de 15 (quinze) frases, sendo que nove dentre elas, as mesmas do corpus 2.

Na apresentação dos corpora a transcrição do japonês em alfabeto romano foi baseada no manual Padrão de Escrita da Língua Nacional, ⁽⁵⁾ seguindo o quadro abaixo e as instruções complementares:

a) usa-se n para todos os sons representados por ん

b) havendo necessidade de separar n do y seguinte, usa-se o diacrítico 'depois do n.

c) as consoantes geminadas são representadas por repetição de letras.

d) as vogais longas são representadas com sobre as vogais. No caso de letra maiúscula, as vogais são repetidas.

e) a representação de sons especiais é livre,

f) os nomes próprios são escritos com letra maiúscula.

a	i	u	e	o			
ka	ki	ku	ke	ko	kya	kyu	kyo
sa	si	su	se	so	sya	syu	syo
ta	ti	tu	te	to	tya	tyu	tyo
na	ni	nu	ne	no	nya	nyu	nyo
ha	hi	hu	he	ho	hya	hyu	hyo
ma	mi	mu	me	mo	mya	myu	myo
ya	(i)	yu	(e)	yo			

ra	ri	ru	re	ro	rya	ryu	ryo
wa	(i)	(u)	(e)	(o)		-	
ga	gi	gu	ge	fo	gya	gyu	gyo
za	zi	zu	ze	zo	zya	zyu	zyo
da	(zi)	(zu)	de	do	(zya)	(zyu)	(zyo)
ba	bi	bu	be	bo	bya	byu	byo
pa	pi	pu	pe	po	pya	pyu	pyo

Quadro nº 1. Transcrição do japonês em alfabeto romano.

2.3.1 - Corpus 1

1.	ai	/ai/	[ai]	amor
2.	au	/au/	[au]	encontrar
3.	aoi	/aoi/	[aoj]	azul
4.	akai	/akai/	[akaj]	vermelho
5.	asai	/asai/	[asai]	raso
6.	asa	/asa/	[asa]	manhã
7.	ase	/ase/	[ase]	suor
8.	aite	/aite/	[aite]	adversário
9.	atui	/atui/	[atsui]	calor
10.	asahi	/asahi/	[asaçi]	sol da manhã
11.	ani	/ani/	[ani]	irmão mais velho
12.	atama	/atama/	[atama]	cabeça
13.	ame	/ame/	[ame]	chuva
14.	abura	/abura/	[abura]	óleo
15.	asobu	/asobu/	[asobu]	brincar
16.	anna	/anna/	[anna]	massagem
17.	asi	/asi/	[afi]	pé
18.	asatte	/asatte/	[asatte]	depois de amanhã
19.	ie	/ie/	[ie]	casa
20.	ika	/ika/	[ika]	ciência médica
21.	ikiau	/ikiau/	[ikiau] +	encontrar-se
22.	iku	/iku/	[iku]	ir
23.	ike	/ike/	[ike]	lagoa
24.	isu	/isu/	[isu]	cadeira
25.	iseki	/iseki/	[iseki] +	ruínas
26.	itai	/itai/	[itai]	dolorido
27.	itoko	/itoko/	[itoko]	primo

28.	ito	/ito/	[ito]	linha
29.	inaka	/inaka/	[inaka]	zona rural
30.	inu	/inu/	[inu]	cachorro
31.	itiniti	/itiniti/	[itʃipitʃi]	dia todo
32.	insutanto	/iNsutaNto/	[insutanto]	instantâneo
33.	ue	/ue/	[ue]	acima
34.	uo	/uo/	[uo]	peixe
35.	ukeau	/ukeau/	[ukeau]	empreender
36.	usui	/usui/	[usui]	fino
37.	uso	/uso/	[uso]	mentira
38.	uta	/uta/	[uta]	canção
39.	utiau	/utiau/	[utʃiau]	golpear
40.	uti	/uti/	[utʃi]	casa
41.	usi	/usi/	[uʃi]	boi
42.	undô	/uNdôR/	[undo:]	exercício
43.	ei	/ei/	[ei]	arraia
44.	eki	/eki/	[eki]	estação
45.	emerarudo	/emerarudo/	[emerarudo]	esmeralda
46.	esperanto	/esuperanto/	[esuperanto]	esperanto
47.	oi	/oi/	[oi]	solzinho
48.	osoi	/osoi/	[osoi]	demorado
49.	osie	/osie/	[oʃie]	ensinamento
50.	okasi	/okasi/	[okafi]	doce
51.	oheso	/oheso/	[oheso]	umbigo
52.	okane	/okane/	[okane]	dinheiro
53.	ôkusyon	/oRkusjon/	[o:kʷjoN]	leilão
54.	orientaru	/orientaru/	[orientaru]	oriental
55.	ôrudo	/oRudo/	[o:rudo]	velho
56.	ôru	/oRru/	[o:rʷ]	total

57.	kaku	/kaku/	[kaku]	escrever
58.	kakueki	/kakueki/	[kakueki]	cada estação
59.	keikaku	/keikaku/	[ke:kaku]	planejamento
60.	kaiko	/kaiko/	[kaiko]	bicho da sed.
61.	kainusi	/kainusi/	[kainuʃi]	dono
62.	kanekasi	/kanekasi/	[kanekaʃi]	agiota
63.	kabe	/kabe/	[kabe]	parede
64.	kai	/kai/	[kai]	concha
65.	kasa	/kasa/	[kasa]	guarda chuva
66.	kekka	/kekka/	[kekka]	resultado
67.	kā	/ka/	[ka:]	carro
68.	kāten	/ka:teN/	[ka:teN]	cortina
69.	kāru	/ka:ru /	[ka:ru]	ondulação
70.	kioku	/kioku/	[kioku] +	memória
71.	kuiki	/kuiki/	[kwi:ki]	distrito
72.	kinoko	/kinoko/	[kinoko] +	cogumelo
73.	kinpatu	/kinpatu/	[kinpatsu] +	loiro
74.	kitte	/kitte/	[kitte] +	selo
75.	kesseki	/kesseki/	[kesseki] +	ausência
76.	kippu	/kippu/	[kippu] +	bilhete
77.	kumo	/kumo/	[kumo]	nuvem
78.	kusi	/kusi/	[kusi]	pente
79.	kūpon	/ku:poN/	[ku:poN]	cupom
80.	kenbutu	/kenbutu/	[kenbutsu]	visitação
81.	kekken	/kekken/	[kekken]	casamento
82.	kotoba	/kotoba/	[kotoba]	palavra
83.	koko	/koko/	[koko]	aqui
84.	kōto	/ko:to/	[ko:to]	casaco
85.	konsāto	/konsa:to/	[konsa:to]	concerto

86.	koiru	/koiru/	[kojɾu]	bobina
87.	kyūka	/kjuŕka/	[kju:ka]	férias
88.	kyaku	/kjaku/	[kjakw]	visita
89.	kyakō	/kjuŕkoŕ/	[kju:ko:]	expresso
90.	kyonen	/kjoneN/	[kjoneN]	ano passado
91.	kyōsitu	/kjoŕsitu/	[kjo:ʃitsw]	sala de aula
92.	sanbika	/sanbika/	[sanbika]	hino religioso
93.	satoo	/satoŕ/	[sato:]	açucar
94.	sā	/saŕ/	[sa:]	senhor
95.	sākuru	/saŕkuru/	[sa:kurw]	círculo
96.	sio	/sio/	[ʃio]	sal
97.	sihai	/sihai/	[ʃihai]	domínio
98.	sinpi	/siNpi/	[ʃimpi]	misterioso
99.	sinmitu	/siNmitu/	[ʃinmitsw]	íntimo
100.	sinme	/siNme/	[ʃimme]	broto
101.	sippai	/siQpai/	[ʃippai]	malagro
102.	sīru	/siŕru/	[ʃi:rw]	selo
103.	suika	/suika/	[suika]	melancia
104.	sukāto	/sukaŕto/	[suka:to]	saia
105.	supīdo	/supiŕdo/	[supi:do]	velocidade
106.	supīti	/supiŕti/	[supi:tʃi]	fala
107.	suwan	/suwan/	[suwaN]	cisne
108.	supōtu	/supoŕtu/	[supo:tsw]	esporte
109.	seki	/seki/	[seki]	assento
110.	sekidō	/sekidoŕ/	[sekido:]	equador
111.	sērā	/seŕraŕ/	[se:ra:]	marinheiro
112.	sento	/seNto	[sento]	cento
113.	soko	/soko/	[soko]	aí
114.	sōsu	/soŕsu/	[so:sw]	molho
115.	sohuto	/sohuto/	[soɸuto]	macio

116. sake	/sake/	[sake]	saquê
117. saihu	/saihu/	[saiφw]	carteira
118. sakana	/sakana/	[sakana]	peixe
119. samui	/samui/	[samui]	frio
111. sanpo	/sanpo/	[sanpo]	caminhada
112. syasin	/sjasiN/	[jaʃiN]	fotografia
113. syōyu	/sjōRju/	[ʃo:ju]	molho de soja
114. syōbōsyo	/sjōRboRsjo/	[ʃo:bo:ʃo]	bombeiro
115. syokudō	/sjokudoR/	[ʃokudo:]	refeitório
116. takai	/takai/	[takai]	alto
117. tateito	/tateito/	[tateito]	urdidura
118. taiho	/taiho/	[taiho]	captura
119. taihū	/taihuR/	[taiφw :]	tufão
120. tanomu	/tanomu/	[tanomu]	pedir
121. tabako	/tabako/	[tabako]	cigarro
122. tankā	/tankaR/	[tanka:]	navio tanque
123. tãn	/taRN/	[tai:N]	volta
124. tâban	/taRbaN/	[ta:baN]	turbante
125. tie	/tjie/	[tjie]	sabedoria
126. tinbotu	/tʃiNbotu/	[tʃinbotsu]	submersão
127. tinmoku	/tʃiNmoku/	[tʃimmoku]	silêncio
128. tīzu	/tʃiRzu/	[tʃi:dzɯ]	queijo
129. tue	/tue/	[tswe]	bengala
130. tumiki	/tumiki/	[tsumiki]	blocos
131. tumetai	/tumetai/	[tsumetai]	frio
132. tubo	/tubo/	[tsubo]	vaso
133. teasi	/teasi/	[teʃi]	membros
134. tenkiyohō	/teNkiyohoR/	[tenkiyoho:]	previsão de tempo
135. tēru	/teRru/	[te:ru]	cauda

136. tesuto	/tesuto/	[tesuto]	teste
137. tērā	/teRraR/	[te:ra:]	alfaiate
138. tetu	/tetu/	[tetsu]	ferro
139. tosi	/tosi/	[toʃi]	idade
140. tōki	/toRkiR/	[to:ki:]	cinema sonoro
141. tokubetu	/tokubetu/	[tokubetsu]	especial
142. tyēn	/tjeRN/	[tʃe:N]	corrente
143. tyōku	/tjoRku/	[tʃo:ku]	giz
144. tyūgakkō	/tjuRgaQkoR/	[tʃu:ŋakko:]	curso secundário
145. tyokkaku	/tjoQkaku/	[tʃokkaku]	ângulo reto
146. tyūsya	/tjuRsjə/	[tʃu:ʃa]	injeção
147. tyōtin	/tjoRtiN/	[tʃo:tʃiN]	lanterna
148. natu	/natu/	[natsu]	verão
149. namae	/namae/	[namae]	nome
150. niku	/niku/	[niku]	carne
151. nimotu	/nimotu/	[nimotsu]	bagagem
152. ninpu	/niNpu/	[nimpu]	mulher grávida
153. nimu	/niNmu/	[nimmu]	missão
154. nuku	/nuku/	[nuku]	extrair
155. nuno	/nuno/	[nuno]	tecido
156. neko	/neko/	[neko]	gato
157. nettai	/neQtai/	[nettai]	tropical
158. noko	/noko/	[noko]	serra
159. noboru	/noboru/	[noboru]	escalar
160. nōgyō	/noRgjoR/	[no:ŋjo:]	agricultura
161. nyūin	/njuRiN/	[nju:in]	internação
162. hashi	/hasi/	[haʃi]	ponte
163. hasami	/hasami/	[hasami]	tesoura
164. hatuon	/hatuoN/	[hatsuon]	pronúncia

165. hāhu	/haʔu/	[ha:ɸu]	mestiço
166. hādoru	/haʔdoru/	[ha:doɾu]	barreira
167. hito	/hito/	[çito]	peessoa
168. hue	/hue/	[ɸue]	flauta
169. heta	/heta/	[heta]	inābil
170. hebi	/hebi/	[hebi]	cobra
171. hosi	/hosi/	[hoʃi]	estrela
172. Huzisan	/huzisaN/	[ɸudzisaN]	Monte Fuji
173. hōmu	/hoʔmu/	[ho:mu]	lar
174. hōku	/hoʔku/	[ho:ku]	garfo
175. haizara	/haizara/	[haizara]	cinzeiro
176. hyakuen	/hjakueN/	[çakueN]	cem ienes
177. hyōgen	/hjoʔgeN/	[çjo:ŋeN]	expressão
178. mainiti	/mainiti/	[mainitʃi]	diariamente
179. mado	/mado/	[mado]	janela
180. māku	/maʔku/	[ma:ku]	marca
181. mise	/mise/	[mise]	loja
182. mukasi	/mukasi/	[m.kafi]	outrora
183. memai	/memai/	[memai]	vertigem
184. motu	/mot /	[motsu]	ter
185. mōtā	/moʔtaʔ/	[mo:ta:]	motor
186. myaku	/mjaku/	[mjaku]	pulso
187. myōzi	/mjoʔzi/	[mjo:dʒi]	sobrenome
188. yane	/jane/	[jane]	telhado
189. yubiwa	/jubowa/	[jubowa]	anel
190. yume	/jume/	[jume]	sonho
191. yuki	/juki/	[juki]	neve
192. yōtien	/joʔt ieN/	[jo:tʃieN]	jardim de infância
193. rabā	/rabar/	[raba:]	amante

194. risuto	/risuto/	[risuto]	lista
195. ribâ	/ribaR/	[riba:]	rio
196. ringo	/riŋgo/	[riŋgo]	maçã
197. rêru	/reRru/	[re:ɾu]	trilho
198. reizôko	/reRzoRko/	[re:zo:ko]	geladeira
199. robâ	/rebaR/	[reba:]	nível
191. rekôdo	/rekoRdo/	[reko:do]	disco
192. rokusatu	/rokusatu/	[rokusatsu]	seis volumes
193. rokusen'en	/rokuseNeN/	[rokuseeN]	seis mil ienes
194. rokuon	/rokuoN	[rokuoN]	gravação
195. rôdo	/roRdo/	[ro:do]	estrada
196. rôrâ	/roRraR/	[ro:ɾa:]	rolo
197. ryokô	/rjokoR/	[rjoko:]	viagem
198. ryûgakusei	/rjuRgakuseR/	[rju:gakuse:]	estudante estrun <u>g</u>
			geiro
199. ryôsyûsyo	/rjoRsjûRsjô/	[rjo:ju:jo]	recibo
200. ryû	/rjuR/	[rju:]	dragão
201. wanage	/wanage/	[wanage]	argola
202. ganbaru	/gaNbaru/	[gambaru]	esforçar
203. gakkî	/gaQki/	[gakkî]	instrumento musi <u>ci</u>
			cal
204. gâden	/gaRdeN/	[ga:deN]	jardim
205. gâru	/gaRru/	[ga:ɾu]	menino
206. gurûpu	/guruRpu/	[gurau:pu]	grupo
207. gunzin	/guNziN/	[gundziN]	mi <u>l</u> itar
208. gen'in	/geNiN/	[geiN]	causa
209. goruhu	/goruhu/	[goruɸu]	golfe
210. gôrudo	/goRrudo/	[go:ɾudo]	dourado

211. gyûniku	/gjuRniku/	[gju:niku]	carne de vaca
212. gyûnyû	/gjuRnjuR/	[gju:nju:]	leite de vaca
213. zassi	/zaQsi/	[dza:ffi]	revista
214. zîpu	/ziRpu/	[dzi:pu]	jipe
215. zô	/zoR/	[dzo:]	elefante
216. zyûsyo	/zjuRsjo/	[dzu:fo]	endereço
217. zisyo	/zisjo/	[dzi:fo]	dicionário
218. zitensya	/ziteNsja/	[dzi:teŋfa]	bicicleta
219. Zyûdo	/zjuRdoR/	[dzu:do:]	judô
220. dâbi	/daRbiR	[da:bi:]	Darby
221. deruta	/deruta/	[deruta]	delta
222. dokutâ	/dokutaR/	[dokuta:]	doutor
223. bara	/bara/	[bara]	rosa
224. bangô	/baNgOR/	[bango:]	número
225. bôeki	/boReki/	[bo:eki]	comércio exterior
226. bôsi	/boRsi/	[bo:fi]	chapéu
227. bâ	/baR/	[ba:]	bar
228. bâdo	/baRdo/	[ba:do]	pássaro
229. binetu	/binetu/	[binetsw]	febre
230. buta	/buta/	[buta]	porco
231. betubetu	/betubetu/	[betsubetsw]	separado
232. bokoku	/bokoku /	[bokoku]	pátria
233. bôto	/boRto/	[bo:to]	barco
234. bizyutukan	/bizjutukaN/	[bidzutsukaN]	museu de artes
235. pâru	/paRru/	[pa:ru]	pérola
236. pâsento	/paRseNto/	[pa:sento]	porcentagem
237. pôto	/poRto/	[po:to]	porto
238. pôku	/poRku/	[po:ku]	porco
239. piano	/piano/	[piano]	piano

2.3.2 - Corpus 2

1. Kon'nitiwa.
/koNnitiwa/
[konnitʃiwa]
Boa tarde.
2. Watasi wa Tanaka desu.
/watasiwa tanakadesu/
[wataʃiwa tanakadesɯ]
Eu sou Tanaka.
3. Kore wa nandesuka.
/korewa naNdesuka/
[korewa nandesɯka]
O que e isto?
4. Kore wa watasi no kaban desu.
/korewa watasino kabaNdesu/
[korewa wataʃino kabandesɯ]
Esta e minha inala.
5. Doko e ikimasu ka.
/dokoe ikimasuka/
[dokoe ikimasɯka]
Aonde vai?
6. Hon'ya e ikimasu.
/hoNjae ikimasu/
[hoijae ikimasɯ]
Vou à livraria.

7. Honya de nani o kaimasuka.
 /hoNjade nanio kaimasuka/
 [hoɪjade nanio kaimasuka]
 O que vai comprar na livraria?
8. Zassi to zisyo o kaimasu .
 / zaQsito zjisjo o kaimasu /
 [dzaʃʃito dʒiʃo o kaimasu]
 Vou comprar revistas e dicionário.
9. Sore kara kissaten e itte kôtya o nomimasu.
 /sorekara kiQsateNeiQte koRtjao nomimasu/
 [sorekara kissateNeitte ko: tʃao nomimasu]
 Em seguida, vou a cafétéria, tomar chá preto.
10. Konbanwa.
 /koNbaNwa /
 [kombanwa]
 Boa noite!
11. Ohayô gozaimasu.
 / ohajoR gozaimasu /
 [ohajo:gozaimasu]
 Bom dia.
12. Sayônara
 /sajoKnara /
 [sajo:nara]
 Até logo.

13. Kore wa tukue desu.

/korewa tukuedesu /

[korewatswkUJCEdesu]

Isto é uma mesa.

14. Ginkô e ikim asita .

/giNkoR e ikimasita/

[gioko:eikima ita]

Fui ao banco.

15. Sore o totte kudasai.

/soreo toQtekudasai/

[sorco tottekwdasai]

Passe-me isso, por favor.

16. Arigatô gozaimasu.

/arigatoR gozaimasu/

[arigato:gozaimasw]

Obrigado.

17. Otya o nomimasu.

/otjao nomimasu /

[ot{ao nomimasw]

Vou tomar chá.

2.3.3 - Corpus 3

1. Kon'nitiwa.
/koNnitiwa/
[koppitʃiwa]
Boa tarde.
2. Watasi wa Tanaka desu,
/watasiwa tanakadesu/
[wataʃiwa tanakadesɯ]
Eu sou Tanaka.
3. Kore wa nandesuka.
/korewa naNdesuka/
[korewa nandesɯka]
O que é isto?
4. Kore wa watasi no kaban desu.
/korewa watasino kabaNdesu/
[korewa wataʃino kabandesɯ]
Esta é minha mala.
5. Doko e ikimasu ka.
/dokoe ikimasuka/
[dokoe ikimasɯka]
Aonde vai?
6. Hon'ya e ikimasu.
/hoNjae ikimasu/
[hoɪjae ikimasɯ]
Vou à livraria.

- 7 . Honya de nani o kaimasuka.
 /hoNjade nanio kaimasuka/
 [hoĩ ja de nan io kaimasuka]
 O que vai comprar na livraria?
8. Zassi to zisyo o kaimasu.
 /zaQsito zisjo o kaimasu/
 [dza] [ito d i]oo kaimasu]
 Vou comprar revistas e dicionário.
9. Sore kara kissaten e itt kôtya o nomimasu.
 /sorekara kiQsateNei.Qte koRt]ao nomimasu/
 [sorekara kissateNe itte ko: t]ao nomimasu]
 Em seguida, vou à cafeteira, tomar chá preto.
10. Satôsan kon'nitiwa.
 / satoRsaN koNnitiwa /
 [sato : saN konpit] iwa]
 Boa tarde, Sr. Sato.
11. Kon'nitiwa
 /koNnitiwa/
 [konpit] iwa]
 Boa tarde.
12. Doko e ikimasuka.
 /dokoe ikimasuka/
 [dokoe ikimasuka]
 Aonde vai?
13. Sinzyuku e ikimasu.
 /siNzjuku e ikimasu/

[ʃinc̥ɯkw̥ e ikimas̥ɯ]

Vou a Shinjuku.

14. Eiga o mimasuka.

/eiga o mimasuka/

[eina o mimas̥ɯka]

Vai assistir ao filme?

15. lie kaimono o simasu.

/iRe kaimono o simasu/

[i:e kaimonoo ʃimas̥ɯ]

Não, vou fazer compras.

2.4 - Informantes

Os informantes que se submeteram aos testes do Corpus 1 e 2 são estudantes universitários, brasileiros, dos sexos masculino e feminino, alunos da disciplina Língua Japonesa 1 da UnB. A maioria pertence à faixa etária de 19 a 22 anos. Para o Corpus 3, escolhemos 4 (quatro) informantes, alunos do 2º semestre de japonês, possuindo as seguintes características:

	Idade	Sexo	Naturalidade	Tempo de Brasília
Inf. 1:	30	M	RJ	3 anos
Inf. 2:	21	M	RJ	16 anos
Inf. 3:	17	F	BsB	17 anos
Inf. 4:	19	M	SP	14 anos

2.5- Falares Deseritos

A variedade do japonês que serviu de base para descrição deste trabalho e a chamada "língua padrão" baseada no falar de Tóquio, no seu registro formal. A escolha deste falar como modelo baseia-se no fato de ser esta a variedade utilizada em todos os materiais didáticos audio-visuais destinados aos estudantes de japonês, como língua estrangeira.

Para o português, o falar escolhido foi o do Rio de Janeiro. Tal escolha recaiu sobre esta variante por ser ela muito freqüente entre os alunos de japonês da UnB, que serviram de informantes para esta dissertação.

2.6 - Notação Fonética

Os sinais utilizados seguem basicamente o Alfabeto Fonético Internacional (API). (Quadro nº 2). Entretanto, adotamos para o japonês alguns sinais de uso consagrado entre os foneticistas que descrevem esta língua. São eles:

a) /N/ para nasais longas

/taN'i/	[taãĩ]
/saN'eN/	[saeen]
/reN'ai/	[reãai]
/koN'njaku/	[konnakw]
/uNmeR/	[wmme:]
/taniN/	[taniN]

b) /Q/ para consoantes longas

/iQpai/ [ippai]

/iQkai/ [ikkai]

/iQsuN/ [ísswN]

/iQta/ [itta]

c) / R/ para vogais longas

/oziRsaN/ [odzi : saN]

/obaRsaN/ [oba : saN]

/oneRsaN/ [one : saN]

/oRkiR/ [o : ki :]

/kuRki/ [kw:ki]

d) /ʔ/ para a queda de tom

/ʔ/ para indicar que o fonema antecedente não forma sílaba com a vogal seguinte.

Para o português usamos aqui o API-MM encontrado em Prática de Transcrição Fonética⁽⁶⁾.

(Revised to 1979)

THE INTERNATIONAL ALPHABET

	BILABIAL		LABIO DENTAL		DENTAL, ALVEOLAR, OR P/ALV.		RETROFLEX		PALATO ALVEOLAR		PALATAL VELAR		-UVULAR		LABIAL-PALATAL		LABIAL-VELAR		PHARYNGAL		GLOTTAL	
	m		ɱ		n		ɽ		ɳ		ɲ		ɴ		ɸ	β	ʋ		ʁ		ʕ	ʁ
NASAL																						
PLOSIVE	p	b			t	d	ʈ	ɖ		c	ɟ	k	g	q	ɢ		kp	gb				ʔ
(MEDIAN) FRICATIVE	ɸ	β	f	v	θ	ð	ʂ	ʐ	ʃ	ʒ	x	ɣ	χ	ʁ		ɸ	β			ħ	ʕ	h
(MEDIAN) APPROXIMANT			ʋ		ɹ		ɻ		ɻ	ɻ		ɻ				ɻ	w					
LATERAL FRICATIVE																						
LATERAL APPROXIMANT											ɻ											
TRILL																						
TAP OR FLAP																						
EJECTIVE	p'				t'																	
IMPLOSIVE	ɓ																					
(MEDIAN) CLICK	ɘ																					
LAT. CLICK																						

(non-pulmonic air-stream mechanism)

CONSONANTS

Quadro nº 2. Alfabeto Fonético Internacional

Front		Back		VOWELS		Front		Back	
Unrounded		Unrounded		Open		Rounded		Rounded	
i	ɪ	ɯ	u	close	y	ɥ	u		
e	ɛ	ɤ	o	Half-close	ɤ	ɔ	o		
ɛ	æ	ɶ	ɶ	Half-open	æ	ɶ	ɶ		
æ	e	e	e	Open	ɶ	ɶ	ɶ		
e	A	a	a		ɶ	ɶ	ɶ		

MODO DE ARTICULAÇÃO	OCCLUSIVAS		AFRICADAS		FRICATIVAS		VIBRANTES	NASAIS
	SURDAS	SONORAS	SURDAS	SONORAS	SURDAS	SONORAS		
PAPEL DAS CORDAS VOCAIS								
BILABIAIS	p	b						m
DENTO-ALVEOLAR	t	d			s	z		n
MEDIO-ALVEOLAR							r	
ALVEOLO-PALATAL								
PALATAL								
VELAR	k	g						
UVULAR								
GLOTTAL					h			

PONTO DE ARTICULAÇÃO

Quadro nº 3 - As consoantes do japonês

PAPEL DO VÉU DO PALATO		O R A I S						NASAIS	
MODO DE ARTICULAÇÃO	OCCLUSIVAS		CONSTRITIVAS		LATERAIS	VIBRANTES		SONORAS	SONORAS
	SURDAS	SONORAS	SURDAS	SONORAS		SIMPLES	MÚLTIPLAS		
PAPEL DAS CORRIAS VOCAIS									
BILABIAIS	p	b							m
LABIODENTAIS			f	v					
LINGUODENTAIS	t	d							
ALVEOLARES			s	z	ʎ		r		r
PALATAIS			ʃ	ʒ	ʎ				ʎ
VELARES	k	g							.
UVULAR								R	

PONTO DE ARTICULAÇÃO

Quadro nº 4 - As consoantes do Português do Brasil.

Segundo M. da MATTA MACHADO (1987)

NOTAS DO CAPÍTULO 2

- (1) NIHONGO - A pronúncia da Língua Japonesa. The Japan Foundation, 1980
- (2) fita cassete nº1 do manual NIHONGO - Introdução à Escrita. The Japan Foundation,
- (3) dialogo da fita em rolo que acompanha o livro Japonese, a Basic Course. Tape nº2 (rolo) Center of Applied Linguistics Sophia University, 1971
- (4) A mesma fita da (2)
- (5) extraído do "Genkô no Kokugo-hyôki no Kijun" (Padrão de Escrita de Língua Nacional Vigente - edição renovada) Divisão de Língua Nacional do Ministério da Educação e Cultura, 1982
- (6) Mirian da MATTA MACHADO, Prática de Transcrição Fonética. /em elaboração/

3 - DESCRIÇÃO DOS SISTEMAS FONOLÓGICOS DO JAPONÊS E DO PORTUGUÊS

Nesta parte do trabalho serão descritos os fonemas do japonês e os do português, levando-se em consideração suas características articulatórias, seus alofones e sua distribuição na sílaba e no vocábulo.

3.1 - Sistema Fonológico do Japonês

A apresentação deste sistema se baseou nas teorias de HATTORI (Hattori, 1980), SHIBATA (Shibata, 1980) e MASE (Mase, 1986).

3.1.1 - Fonemas Segmentais

3.1.1.1 - Consoantes e Semiconsoantes

As consoantes em japonês são: /p, t, k, b, d, g, s, z, h, m, n, r, Q, N/.

Classificam-se:

a) quanto ao modo de articulação:

- oclusivas: /p, t, k, b, d, g/

- constrictivas: /s, z, h/

- nasais: /m, n, N/

- vibrante: /r/

b) Quanto ao ponto de articulação

- bilabiais: /p, b, m/

- dentais: /t , d/
- alveolares: /s, z, n,r /
- velares: /k,g/
- glotal : /h/

e) Quanto ao papel das cordas vocais:

- surdas: /p, t, k, s, h, Q/
- sonoras: /b, d, g, z, m, n, r , N/

As semiconsoantes em japonês são: /w, j/

Classificam-se:

a) Quanto ao ponto de articulação

- bilabial: /w/
- palatal: /j/

b) Quanto a arredondamento dos lábios

- não arredondadas: /w, j/

3.1.1.1.1 - Alofones

/p/: o fonema /p/ realiza-se:

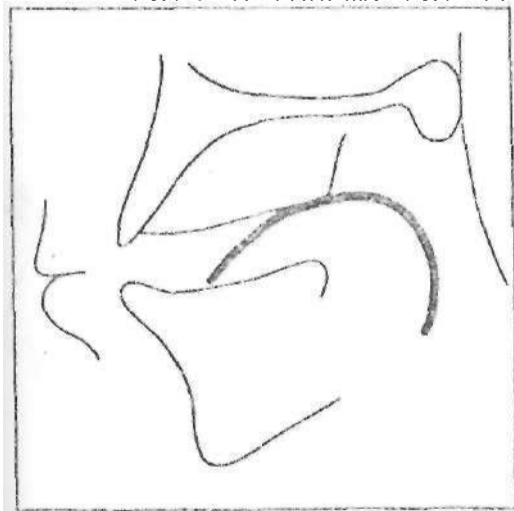


Fig. 1
p em pa⁽¹⁾

- a) como oclusiva bilabial surda [p] antes de /i e a o u /e/ j/. Ex.: [poswtol] caixa de correio.
- b) como oclusiva bilabial surda , com pequena aspiração [pt], em posição inicial da palavra ou antes da

vogal surda, como variante livre.

Ex.: [plapa] pai

[pwikapwika] novo.

/t/ o fonema /t/ realiza-se:

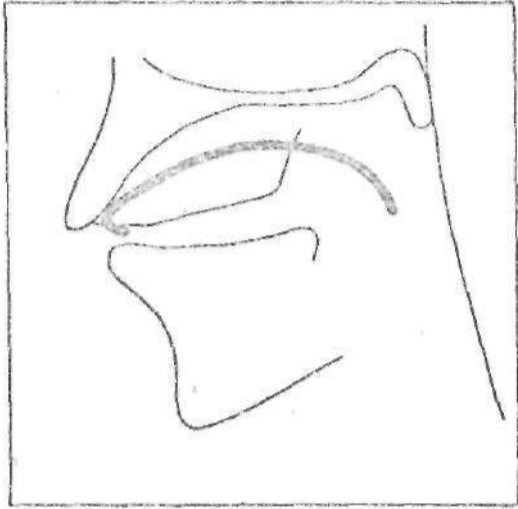


Fig. 2 [t] em ta

a) como oclusiva dental surda antes de /e, a, o/

Ex.: [takai] alto

b) como oclusiva dental surda com pequena aspiração na posição inicial, como variante livre.

Ex.: [tabako] cigarro.

c) como africada alveolar surda [ts] antes de /u/, como variante posicional.

Ex.: [tswbame] andorinha.

d) como africada pré-palatal surda /tʃ/, antes de /i a o u /.

Ex.: [tʃi:sai] pequeno.

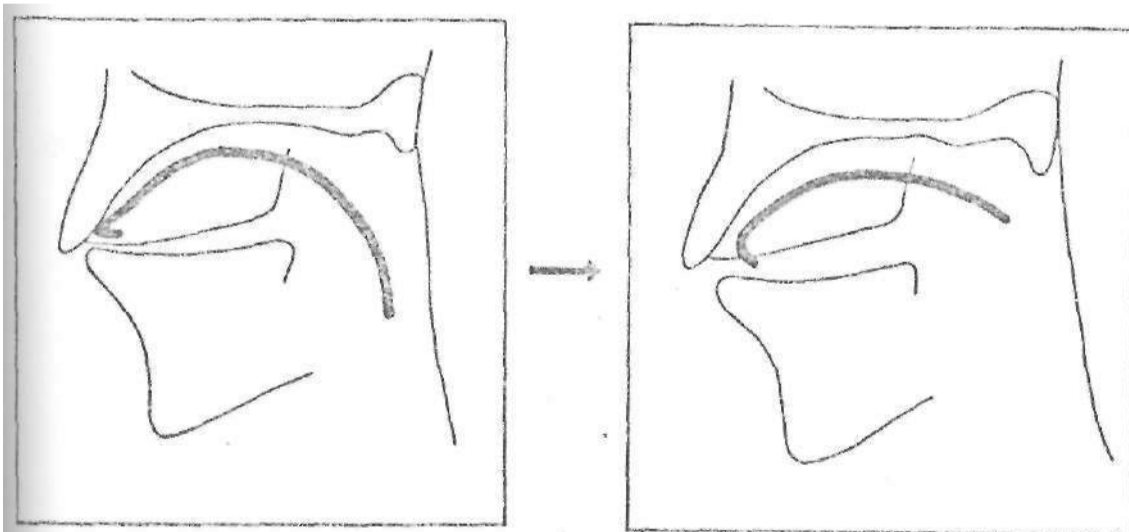


Fig. 3 t



ʃ = [tʃ]

/k/ o fonema /k/ realiza-se:

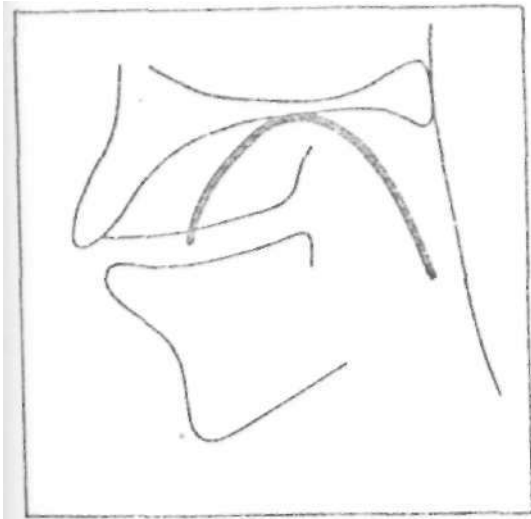


Fig.4 [k] em ka

a) como oclusiva velar surda antes de /e a o u/.

Ex.: [kabaN] mala.

b) como oclusiva velar surda, com pequena aspiração [kt] em posição inicial de palavras, como variante livre.

Ex.: [KabaN] mala.

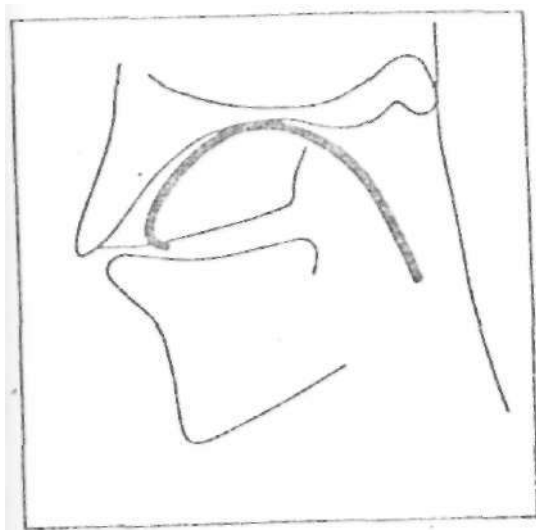


Fig.5 [k^+] em ki

c) como oclusiva surda palatalizada [k^+], antes de /i/ e /j/, como variante posicional.

Ex.: [k^+ikakw] plano,
[k+jori] distância.



Fig.6 [k-] em ku

d) como oclusiva dorso pós-velar k- antes de /u/.

Ex.: [Jokwdo:] refeitório

/b/ o fonema /b/ realiza-se:

- a) como oclusiva bilabial sonora [b] antes de /i e a o u/ e /j/.

Ex.: [bo:ʃi] chapéu.

- b) como constrictiva bilabial sonora [β] em posição intervocálica na palavra, como variante livre.

Ex.: [aβwnai] perigoso.



Fig. 8 [β]

/d/ o fonema /d/ realiza-se:

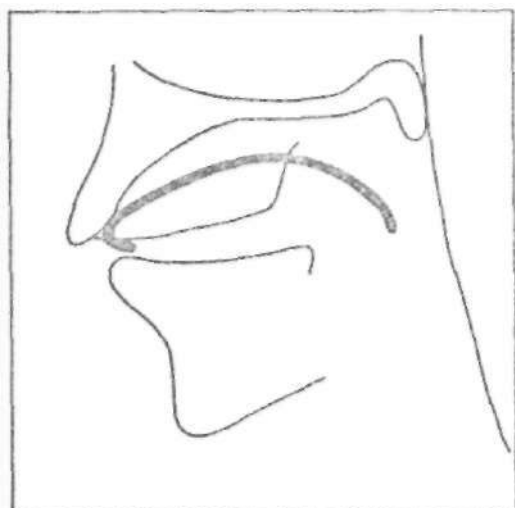


Fig. 9 [d] em da

- a) como oclusiva dental sonora [d] antes de /e a o/

Ex.: [dok_w] veneno.

/g/ o fonema /g/ realiza:

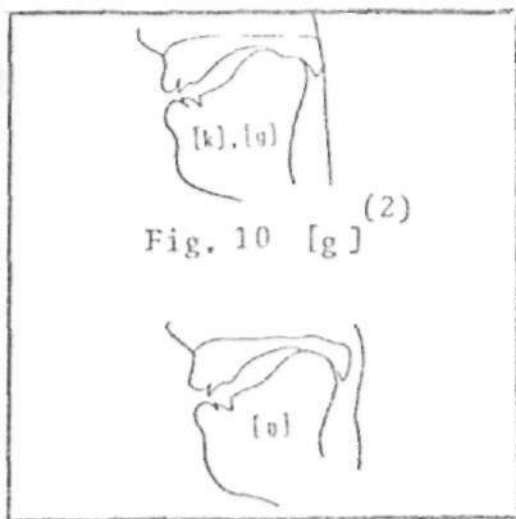


Fig. 10 [g] (2)

Fig. 11 [ŋ]

- a) como oclusiva velar sonora [g] antes de /i e a o. u/ ou /j/.

Ex.: [gakko:] escola,

- b) como nasal velar [N], em posição medial de palavra, como variante livre.

Ex.: [tʃwnakko:] escola grau médio.

/s/ o fonema /s/ realiza-se:

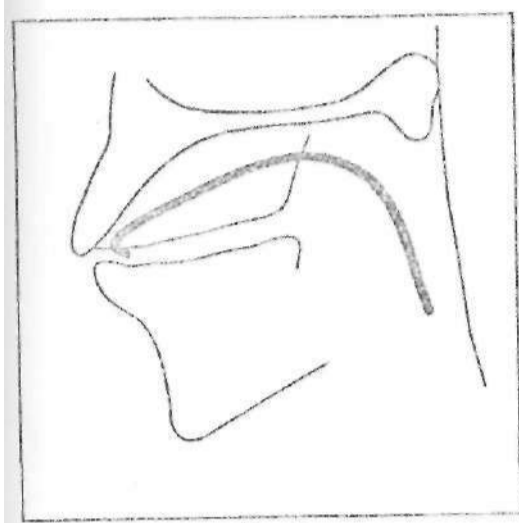


Fig.12 [s] em sa

- a) como constritiva alveolar surda [s] antes de /e a o u/.
- b) como constritiva pré-palatal surda [ʃ] antes de /i/ e /j/.

/z/ o fonema /z/ realiza-se:

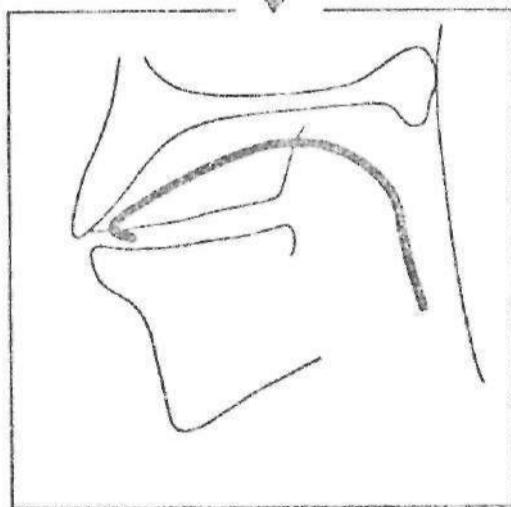
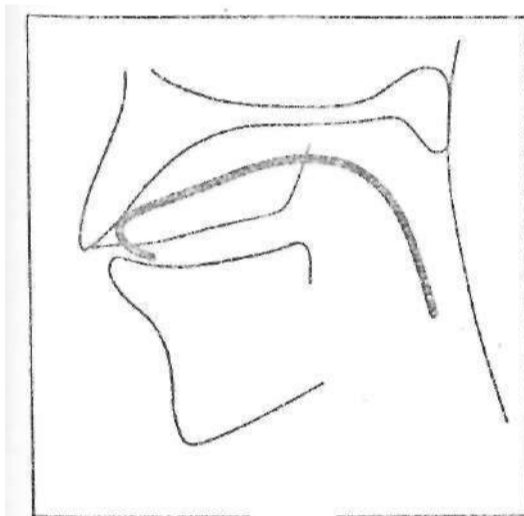
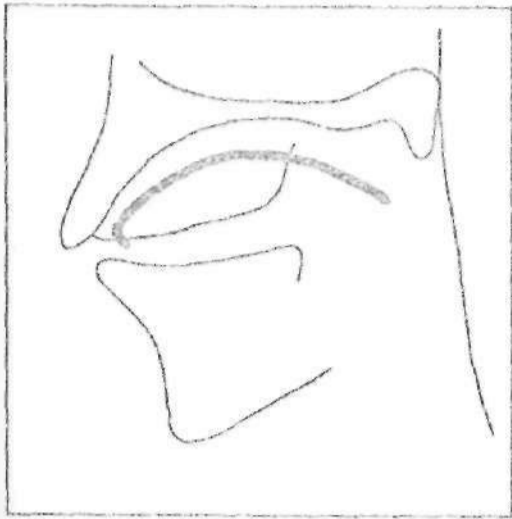


Fig. 13 [dz] em dza

- a) como constritiva alveolar sonora [z] antes de /e a o u/, em posição medial da palavra.
Ex.: [tʃizw] mapa.
- b) como africada alveolar sonora /dz/, antes de /e a o u/ em posição inicial de palavra ou após consoante nasal.
Ex.: [dzaʃʃi] revista.
- c) como africada pré-palatal [dʒ], antes de /i/ e /j/, em posição inicial de palavra ou após consoante nasal.



Ex. Fig. 14 [ʒ] em ʒi

Ex.: [dʒi]iN] confiança
 [kandʒi] letra chinesa,
 d) como constrictiva palatal
 sonora [ʒ] antes de /i/ e
 /j/ , em posição medial
 de palavra , como variante
 livre,

[kʷʒakʷ] pavão.

/h/ o fonema /h/ realiza-se:

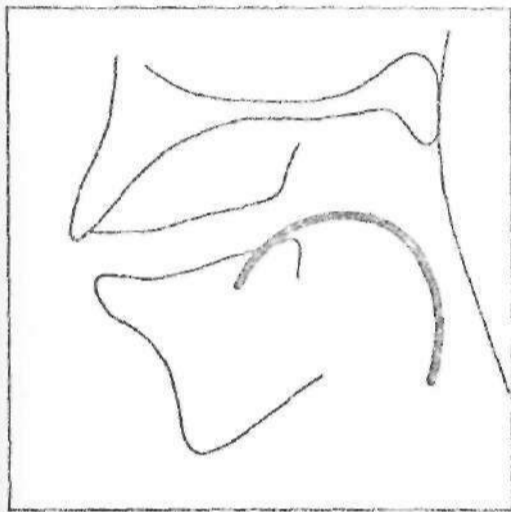


Fig. 15 [h] em ha

a) como constrictiva laríngea
 surda [h] antes de /e a
 o/.

Ex.: [ho]i] estrela.

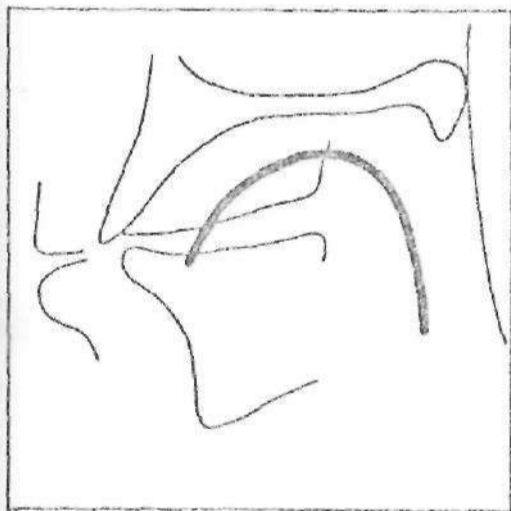


Fig. 16 [ɸ] em [ɸʷ]

b) como constrictiva bilabial
 surda [ɸ] antes de /u/,
 como variante posicional.

Ex.: [ɸutatsʷ] dois.



Fig. 17 [ç] em ç i

c) como constrictiva palatal surda [ç] antes de /i/ e / j /, como variante posicional.

Ex.: [ç i] sol

/n/ o fonema /n/ realiza-se:

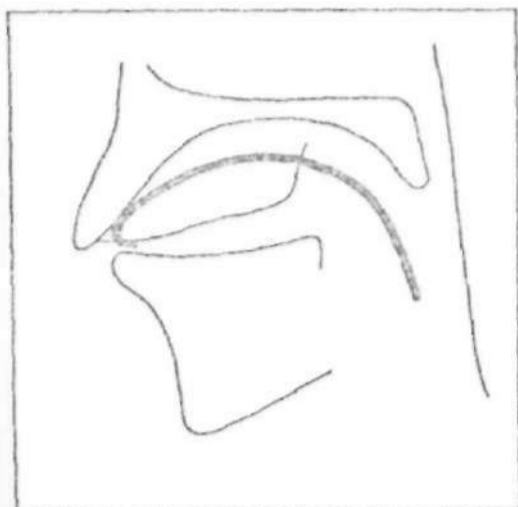


FIG. 19 [n] em na

- a) como nasal alveolar sonora
antes de /e a o u/.
Ex.: [nami]onda.

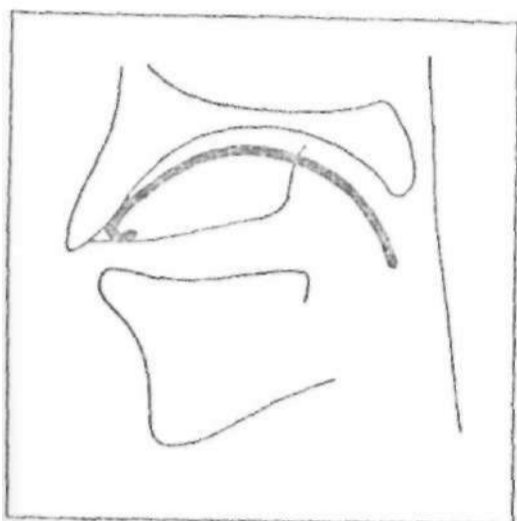


Fig. 20 [ɲ] em na

- b) como nasal palatal sonora
antes de /i/ e /j/,
como variante posicional.
Ex.: [ɲioi]cheiro
[ɲinjw:] registro.

/r/ o fonema /r/ realiza-se:

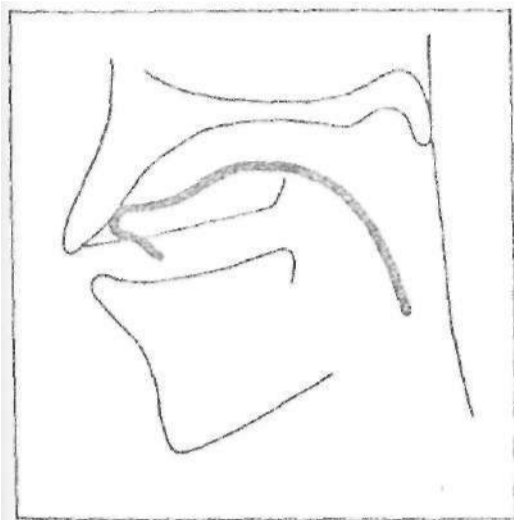


Fig. 21 [r] em ra

a) como vibrante simples alveolar sonora [r] antes de /í e a o u/ e /j/.

Ex.: [rjw:] dragão.

b) como alveolar lateral sonora [l] em posição inicial de palavra, ou após consoante nasal, como variante livre.

Ex.: [anlakw] sossego.

/Q/ o fonema /Q/ realiza-se:

a) como fonema [p], em final de sílaba e antes de /p/.

Ex.: [ippai] cheio.

b) como fonema [t], em final de sílaba e antes de /t/

Ex.: [nettai] trópico.

c) como fonema [k], em final de sílaba e antes de /k/.

Ex.: [ikkai] uma vez.

d) como fonema [s], em final de sílaba e antes de /s/.

Ex.: [issai] tudo.

- e) como fonema [ɲ], em final de sílaba e antes de [ʃ].
Ex.: [i ɲ o] junto.

/N/ o fonema /N/ realiza-se:

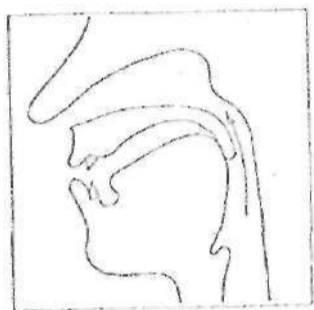


Fig.22 - [N]

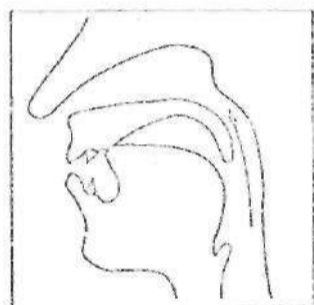


Fig.23 - [n]

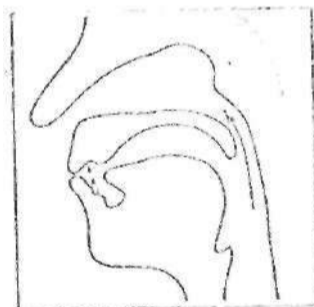


Fig.24 - [m]

- a) como nasal uvular [N], em posição final de palavra ou antes de [s ʃ].
Ex.: [kaN a] agradecimento.
- b) como nasal alveolar [n], em final de sílaba, antes de [t d ts dʒ tʃ dz n].
Ex.: [kantaN] simples.
- c) como nasal palatal [ɲ], em final de sílaba e antes de [p].
Ex.: [teɲo] deusa.
- d) como nasal bilabial [m], em final de sílaba e antes de [p b ml].
Ex.: [ɲimuj] missão.
- e) como nasal velar [ŋ], em final de sílaba e antes de [k g ɲ].
Ex.: [ri ŋ o] maçã.
- f) como vogal nasal [i], em

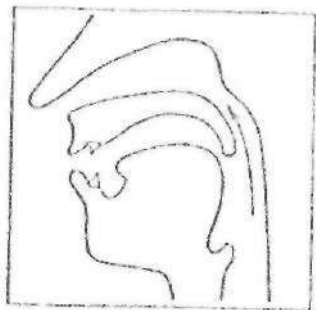


Fig. 25 - [ũ]

final de sílaba e antes de /i j/.

Ex.: [ʃ íi] verdade.

g) como vogal nasal [õ], em final de sílaba e antes de [o u w].

Ex.: [dewwa] telefone.

h) como vogal nasal [ã], em final de sílaba e antes de /a/.

Ex.: [keãakw] hostil.

/j/ o fonema /j/ realiza-se:



Ex.: /mjaku/ pulsação

Fig. 26 [j]

a) como semiconsoante palatal /j/ antes de /a o u/.

Ex.: [jama] montanha.

b) como semivogal palatal /j/ entre consoantes e /a o u/

/w/ o fonema /w/ realiza-se:



Fig. 27 [w]

a) como semiconsoante bilabial com pequena projeção dos lábios [w], antes de /a/.

Ex.: [wakai] jovem.

3.1.1.2 - Vogais

As vogais em japonês são: /i e a o u/.

Classificam-se:

a) Quanto ao lugar da articulação

- anterior : /i e/
- central : /a u/
- posterior: /o/

b) Quanto ao grau de abertura

- fechada : /i u/
- semi fechada : /e o/
- aberta : /a/

3.1.1.2.1 - Alofones

/i/ o fonema /i/ realiza-se:

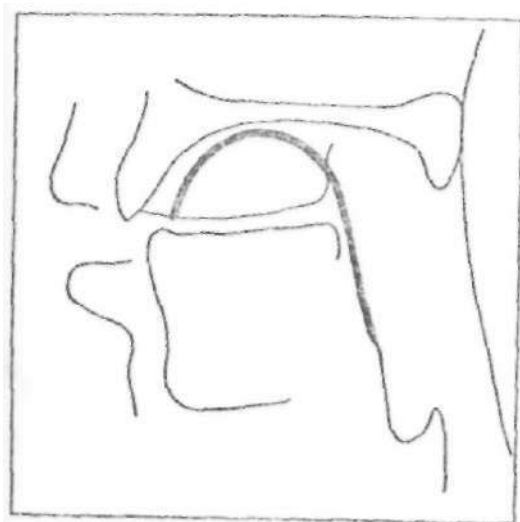


Fig. 28 [i]

a) como vogal anterior fechada oral [i].

Ex.: [ima] agora

b) como vogal anterior fechada surda [i̥] nas seguintes posições quando não antecede tom baixo:

1º) em início de palavra, seguida de consoante surda.

Ex.: [i̥ka]lula.

2º) entre duas consoantes surdas.

Ex.: [k_iptu] bilhete.

3º) em final de palavra após consoante surda.

Ex.: [ak_i] outono

c) como vogal nasalizada [ĩ] antes ou depois de consoante nasal, como variante livre.

: [Ima] ilha.

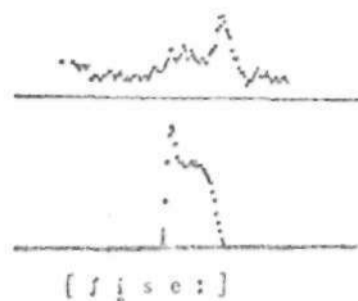
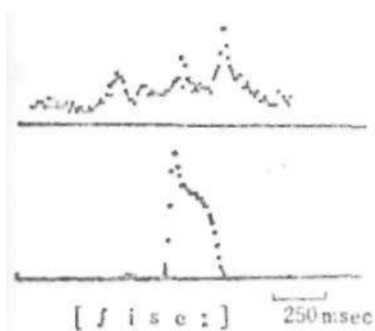
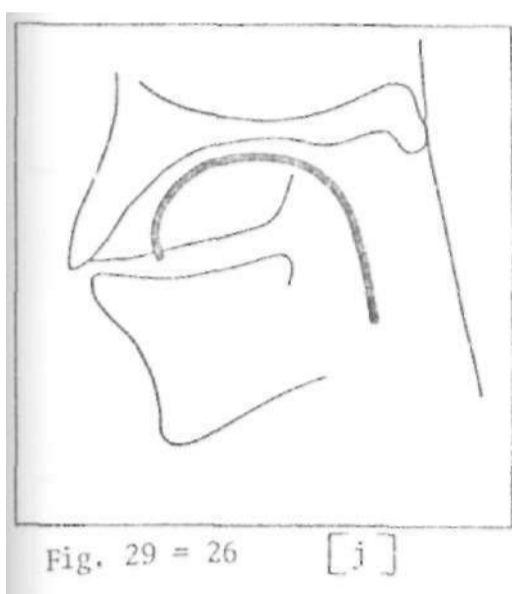
d) como vogal anterior fechada seguida de glide palatal [ij] entre consoante palatal e /a/, como variante livre.

Ex.: [ad_ɟija] Ásia.

e) como semivogal [j] na sílaba final átona precedida de uma vogal, como variante livre.

Ex.: ['hej]

(cf. [he'i])



Bletromiografia de [ĩ] e [ij]

/ e / o fonema / e / realiza - se :



Fig. 30 [e]

a) como vogal anterior semi-fechada oral [e].

Ex.: [eki] estação.

b) como vogal anterior semi-fechada nasalizada [ẽ] antes ou depois de uma consoante nasal, como variante livre.

Ex.: [sẽntakw] seloção.

/a/ o fonema /a/ realiza-se:



Fig. 31 [a]

a) como vogal central aberta oral [a].

Ex.: [sakana] peixe

b) como vogal central aberta nasalizada [ã] antes ou depois de consoante nasal, como variante livre.

Ex.: [ãmmã] massagem.

c) como vogal central aberta surda [a̰] nos contextos [kak] c [hah], como variante livre.

Ex.: [k̰a̰ karw] dispender
[h̰a̰ha] , mãe.

- d) como vogal central aberta, seguida de glide volar [aw] antes da vogal /a/, como variante livre.
Ex. : [bawai] caso .

/o/ o fonema /o/ realiza-se:

- a) como vogal posterior semi-fechada oral arredondada [o].

Ex. : [otoko] homem

- b) como vogal posterior semi-fechada oral arredondada surda [ɔ], nas seguintes posições, quando não antecede tom baixo:

1º) no contexto [kok], como variante livre.

Ex. : [kokoro] coração,

2º) no contexto entre consoantes surdas, sendo a primeira /h/, como variantelivre.

Ex. : [hɔkori] orgulho.

- c) como vogal posterior semi-fechada nasalizada [õ]

antes ou depois de uma

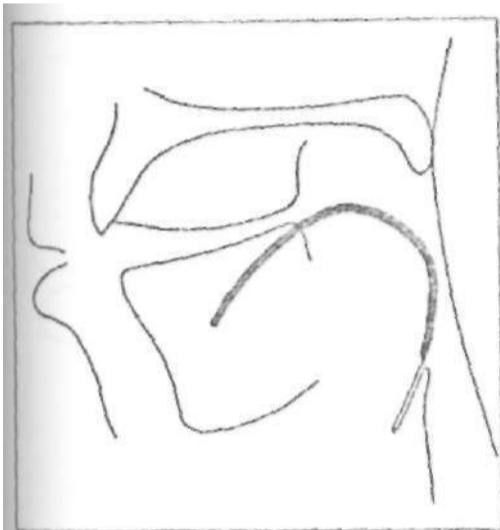


Fig. 32. [o]

consoante nasal, como variante.

Ex.: [hõNja] livraria.

/u/ o fonema /u/ realiza-se:

a) como vogal central fechada não arredondada [tu].

Ex.: [ws0] mentira.

b) como vogal central fechada arredondada [u] como variante livre.

Ex.: [uwa.ŋi] paletó.

c) como vogal central fechada não arredondada surda [ɰ] nas seguintes posições

1º) quando não antecede tom baixo:

- em início de palavra, seguida de consoante surda.

Ex.: [ɰtswrw] projetar.

- entre duas consoantes surdas.

Ex.: [kɰtsw] sapato.

- em final de palavra após consoante surda.

Ex.: [tokɰjokɰ] caracte-



Fig. 33 [ɰ]

rística.

- após a consoante surda /s/, mesmo seguida de consoante sonora.

Ex.: [mws_ume] filha.

2º) quando antecede tom baixo:

- após consoante /ʃ/, seguida de consoante surda.

Ex.: [ʃki] anexo.

d) como vogal central fechada nasalizada [w], antes ou depois de uma consoante nasal, como variante livre.

Ex.: [n^w nw] despir.

e) como vogal central fechada seguida de glide velar [u^w] antes da vogal /a/, como variante livre.

Ex.: [gwwai] estado.

/R/ o Conemu /R/ realiza-se:

a) como alongamento de [i]a-
pos /i/.

Ex.: [i:ka] poesia

b) como alongamento de [e] a-
pos /e/.

Ex.: [se:to] aluno.

c) como alongamento de [a] a-
pos /a/.

Ex.: [oba : saN] avó.

d) como alongamento de [o] a
pos /o/.

Ex.: [dze:kko:] rompimento.

e) como alongamento de [u] a-
pos /u/.

Ex.: [kw : ko:] aeroporto.

MODO DE ARTICULAÇÃO	OCCLUSIVAS		AFRICADAS		FRICATIVAS		LATERAL	VIBRANTE	NASAIS
	SURDAS	SONORAS	SURDAS	SONORAS	SURDAS	SONORAS			
PAPEL DAS CORDAS VOCAIS									SONORAS
BILABIAIS	p' p pp	b		β	φ				m m:
DENTO-ALVEOLARES	t' t tt	d	ts ^{tts}	dʒ	s s:	z			n n:
MÉDIO-ALVEOLARES							ℓ	r	
ALVEOLO-PALATAIS			tʃ ^{tʃ}	dʒ	ʃ ʃ:	ʒ			
PALATAIS					ç				p p:
VELARES	k ⁺ k k ⁻ k' kk	g ⁺ g g ⁻							ŋ ŋ:
UVULARES									N N:
GLOTAL					h				

PONTO DE ARTICULAÇÃO

Quadro nº 5 - As consoantes do japonês: fonemas e alofones

LUGAR DE ARTICULAÇÃO			
	ANTERIORES	CENTRAIS	POSTERIOR
Abertura	i̇ j̇ i̇ i̇: ė ė j̇ ė ė:	u ũ u̇ ũ̇ u̇ u̇: ẇ	ȯ ȯ ^w ȯ ^w ẇ ȯ: ȯ:
Semi-aber- ta			
Aberta		ȧ ȧ ^w ȧ: ã̇	

Quadro nº 6 - Os alofones das vogais do japonês

3.1.2 - Fatos Supra-segmentais

3.1.2.1 - Acento

O acento em japonês é de altura e seu traço distintivo é a altura relativa dos tons entre mora. Mora pode ser definida como unidade de ritmo de duração isocrônica entre as partes de uma palavra. Em japonês, a mora é unidade menor que a sílaba, em alguns casos. A palavra [kōNga] (esta noite) divide-se em duas sílabas: kōN + ja e possui o padrão de acento [kōwja]. Assim, a sílaba koN pode ser segmentada em ko + N, de acordo com a unidade básica de acento. Chamamos de mora, cada uma destas unidades. As nasais longas /N/, consoantes geminadas /O/ e as vogais longas /R/ possuem como característica comum, construir a mora. Por isso, as sílabas que terminam com esses fonemas possuem duração equivalente à duas moras, como pode ser observado na figura abaixo:

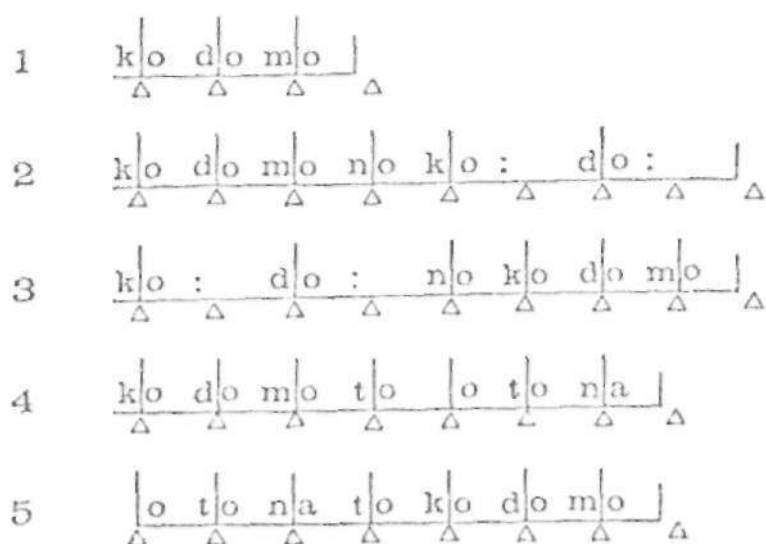


Fig. 34 Segmentação em mora ⁽⁵⁾

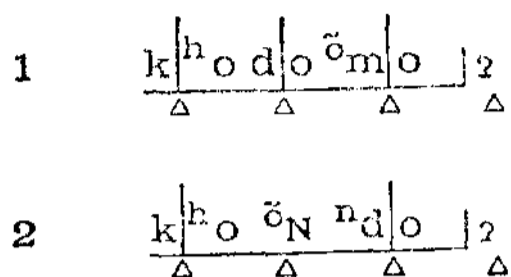


Fig. 34 Segmentação em mora

Cada um desses fonemas /N Q R/ podem variar quanto à altura dentro de uma palavra, constituindo com outras do japonês, a unidade básica do acento.

As características básicas do acento em japonês podem ser resumidas como se segue:

1º) correlação de altura de tens entre as moras.

2º) padrão de acento (n + 1) para cada palavra constituída de n mora. A figura abaixo mostra os padrões possíveis para uma palavra de quatro moras:

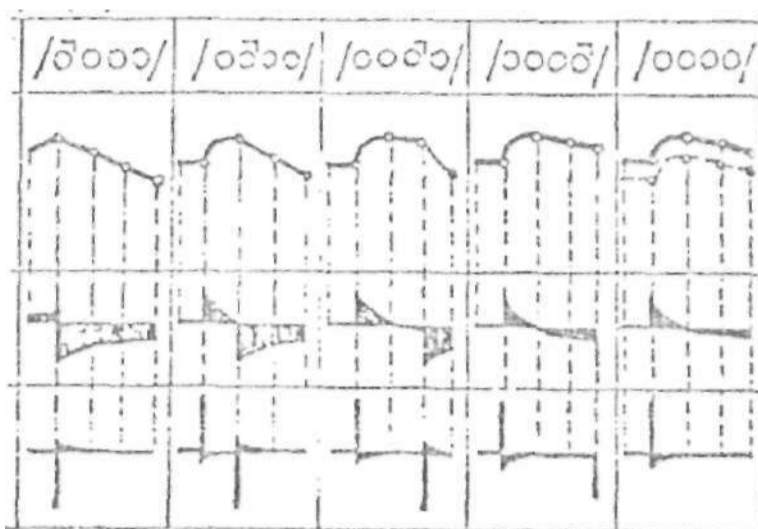


Fig. 35 Padrão de acento - palavra de 4 moras

3º) realização em cada mora de apenas um dos dois tipos de tom: alto e baixo;

4º) ocorrência única de elevação do tom dentro de uma palavra;

5º) função distintiva do acento apenas para um pequeno número de palavras;

6º) diferença do tom da mora inicial em relação ao tom da mora seguinte.

Conclui-se assim que, embora a função distintiva do acento em japonês não seja muito importante, o acento em japonês possui função culminativa, pois num enunciado, onde apresenta uma queda de tom, há uma palavra.

3.1.2.2 - Entoação


A entoação pode ser definida como a variação significativa da altura, durante o enunciado.

O padrão da entoação do falar de Tóquio pode ser descrito pela elevação do tom na mora final, nas frases interrogativas e pela descida nas frases assertivas.

Todas as palavras antecedentes a mora final são articuladas obedecendo as exigências do tom dessas palavras.

Por exemplo:

Numa sentença como /kaeru / (vai embora?), primeiro deve-se efetuar a descida do tom de /k / para /e/ e em seguida, a elevação do tom na última mora, pois caso contrário, será interpretada como /kaeru/ (vai mudar? vai poder comprar?, e sapo?). Daí sentenças como /miru/ (vai

olhar?) ser realizadas 

A entoação descendente em japonês, aparece como uma descida gradual, ao contrário da subida abrupta da última mora na entoação ascendente.

3.1.5 - Estrutura Silábica

O japonês apresenta as seguintes estruturas silábicas.

v	/o/	o	(rabo)
*w	/oR/	ô	(rei)
vsc	/oi/	oi	(sobrinho)
**vc	/oN/	oN	(som)
sev	/jo/	yo	(noite)
*scvv	/joR/	yô:	(afazeres)
**scvc	/joN/	yon	(quatro)
**scvsc	/joi/	yoi	(bom)
**scvc	/joQ/	yot(tu)	(quatro)
cv	/so/	so	(núcleo)
cscv	/sjo/	syo	(escrita)
*cscvv	/sjoR/	syô	(pequeno)
**cscvc	/zjuN/	jun	(ordem)

Obs.: * o único fonema que pode aparecer nesta posição e /R/.

** os fonemas que podem aparecer nesta posição são /N/ e /Q/.

3.1.4 - Distribuição dos Fonemas

3.1.4.1 - Distribuição das Vogais

Na estrutura silábica da língua japonesa, as vogais ocupam o centro da sílaba e as consoantes, com exceção de /R/; as partes marginais.

As vogais apresentam as seguintes restrições de ocorrências:

a) As vogais orais [i e a o u] podem ocupar a posição inicial e final das sílabas e de palavras.

Ex.: /i/ estomafo

/e/ pintura

/a/ primeira letra do silabario japonês

/o/ cauda

/u/ uma ave

- final de sílabas e palavras

/ki/ árvore

/ke/ pêlo

/ka/ pernilongo

/ko/ filho

/ku/ nove

- medial de sílabas quando seguidas de /R Q N /

Ex.: /kiN/ ouro

/keN/ espada

/kaN/ intuição

/koN/ perseverança

/kuN/ sufixo de tratamento

/niQki/ [nikki] diário
 /neQtai/ [nettai] trópico
 /naQpa/ [nappa] verdura
 /toQsa/ [tossa] imediato
 /suQpai/ [suppai] azedo

3.1.4.2 - Distribuição das Consoantes e Semiconsoantes

a) na sílaba

Todas as consoantes, exceto /Q N /
 podem aparecer na posição inicial de sílaba.

Ex.: p */papa/ papai
 t /ta/ " arrozal
 k /ka/ pernilongo
 b /ba/ lugar
 d /dan/ grau
 j /gan/ câncer
 s /san/ três
 z /zi/ letra
 h /ha/ dente
 r /ran/ levante
 m /me/ olho
 n /ne/ raiz

* apenas em alguns vocábulos

Apenas as consoantes / N Q / aparecem no final de sílabas.

Ex.: /an/ sugestão
 /iQka/ [ikka] família

/iQti/ [ittʃi] unanimidade
 /iQpa/ [ippa] uma ave
 /iQsjo/ [iʃʃo] junto

Não ocorre nenhum grupo consonantal em japonês.

As realizações como [skoʃi] são grupos consonantais fonologicamente interpretados como sendo [s.ko.ʃi] /sukosi/ não sendo portanto considerados como grupo consonantal.

A semiconsoante /w/ ocorre somente no início da sílaba e pode porem, ocorrer no início ou no meio da palavra.

Ex.: /watasi/ eu
 /tawaji/ 'escova

A semiconsoante /j/ ocorre tanto no início como no meio da sílaba. Quando ocorre em posição final da sílaba, e interpretado como variante de /i/.

Ex.: /ja/ flecha
 /mjaku/ pulsação

b) na palavra

Todas as consoantes podem realizar-se em posição inicial, com exceção de /Q N /.

Todas as consoantes podem realizar-se em posição intervocálica, com exceção de / Q N /.

Quando um morfema terminado em /a/ ou /u/ se junta a morfema iniciado por /a/, aparece como glide, a semiconsoante /w/.

3.2 - Sistema Fonológico do Português

A apresentação deste sistema baseou-se em CAMARA (1969 e 1970) e M. MATTA MACHADO (1981 e 1987).

3.2.1 - Fonemas Segmentais

3.2.1.1 - Consoantes

As consoantes do português são: / p t k b d g f s ʃ v
z ʒ m n ɲ l λ r R/

Classificam-se:

a) quanto ao modo de articulação:

- oclusivas: /p t k b d g /
- constrictivas: /f s ʃ v z ʒ/
- nasais: /m n ɲ/
- laterais: /l λ/
- vibrantes: /r R/

b) quanto ao ponto de articulação

- bilabiais: /p b m/
- labíoduntais: /f v/
- linguodentais: /t d/
- alveolares: /s z l r n/
- palatais: /ʃ ʒ λ ɲ/
- velares: /k g/
- uvular: /K/

c) quanto ao papel das cordas vocais:

- surdas: /p t k f s ʃ /

- sonoras: /b d g v z ʒ l ʎ r R m n p/

3.2.1.1.1 - Alofones

/p/ o fonema /p/ realiza-se:

a) como oclusiva bilabial surda [p],

Ex.: ['papu].

/t/ o fonema /t/ realiza-se:

a) como oclusiva ápico-dental surda [t].

Ex.: ['tato].

b) como africada pré-dorso pré-palatal surda [tʃ].

Ex.: ['tʃia].

/k/ o fonema /k/ realiza-se:

a) como oclusiva dorso pós-velar surda [k], antes de /u o c c u/

Ex.: [kubo].

b) como oclusiva dorso médio-velar surda [k], antes de /a a /.

Ex.: ['kaze].

c) como oclusiva dorso pre-velar surda [k], antes de /i e e i õ/.

Ex.: [ki].

/b/ o fonema /b/ realiza-se:

a) como oclusivas bilabial sonora [b].

Ex.: [bato].

b) como constritiva bilabial sonora [β], em posição intervocálica, como variante livre,

Ex.: ['aβa].

/d/ o fonema /d/ realiza-se:

a) como oclusiva ápico-dental sonora [d],

Ex.: ['daRdo],

b) como constritiva apico-dental sonora [ð], em posição intervocálica, como variante livre.

Ex.: ['daðo]

c) como africada pre-dorso pré-palatal sonora [dʒ], antes de /i i j/.

Ex.: ['dʒia]

/g/ o fonema /g/ realiza-se:

a) como oclusiva dorso pós-velar sonora [g], antes de /u o c c u/.

Ex.: [a'gora]

b) como oclusiva dorso medio-velar sonora [g], antes de /a a/.

Ex.: ['gate].

c) como oclusiva dorso pré-velar sonora [g], antes de /i e e í ê/.

Ex.: ['gɛRv]

/f/ o fonema /f/ realiza-se:

a) como constritiva labiodental surda [f],

Ex. : ['faka]

/s/ o fonema /s/ realiza-se:

a) como constrictiva pré-dorso alveolar surda [s],

Ex.: ['sale].

/ʃ/ o fonema /ʃ/ realiza-se:

a) como constrictiva médio-dorso médio-palatal surda

[ʃ].

Ex.: ['ʃa].

/v/ o fonema /v/ realiza-se:

a) como constrictiva labiodental sonora [v].

Ex.: ['vaka],

/z/ o fonema /z/ realiza-se:

a) como constrictiva pré-dorso alveolar sonora [z].

Ex.: ['kaza].

/ʒ/ o fonema /ʒ/ realiza-se:

a) como constrictiva medio-dorso médio palatal sonora

[ʒ].

Ex.: ['ʒa].

/m/ o fonema /m/ realiza-se:

a) como nasal bilabial sonora [m].

Ex.: ['faka].

/s/ o fonema /s/ realiza-se:

a) como constrictiva pré-dorso alveolar surda [s],

Ex.: ['sal s],

/ʃ/ o fonema /ʃ/ realiza-se:

a) como constrictiva medio-dorso médio-palata! surda

[ʃ].

Ex.: ['ʃa],

/v/ o fonema /v/ realiza-se:

a) como constrictiva labiodental sonora [v].

Ex.: ['vak v].

/z/ o fonema /z/ realiza-se:

a) como constrictiva pré-dorso alveolar sonora [z]

Ex.: ['kaz z].

/ʒ/ o fonema /ʒ/ realiza-se:

a) como constrictiva medio-dorso médio palatal sonora

[ʒ].

Ex.: ['ʒa].

/m/ o fonema /m/ realiza-se:

a) como nasal bilabial sonora [m],

Ex.: ['kama].

/n/ o fonema /n/ realiza-se:

a) como nasal áptico-alveolar sonora [n].

Ex.: ['kana].

/ɲ/ o fonema /p/ realiza-se:

a) como nasal médio-dorso, médio-palatal sonora [ɲ].

Ex.: ['kɲna].

/l/ o fonema /l/ realiza-se:

a) como lateral áptico-alveolar sonora [l].

Ex.: ['eli].

b) como lateral áptico-alveolar, velarizada, sonora, em posição implósiva [ɭ].

Ex.: ['kɭ].

/ʎ/ o fonema /ʎ/ realiza-se:

a) como lateral médio-dorso, médio-palatal sonora [ʎ].

Ex.: [o'ʎaR].

/r/ o fonema /r/ realiza-se:

a) como vibrante simples áptico-alveolar sonora [r].

Ex.: ['ka ro].

/R/ o fonema /R/ realiza-se:

a) como vibrante múltipla pos-dorso uvular sonora [R], como variante livre.

Ex.: ['kaRɔ].

b) como vibrante múltipla ápico-alveolar sonora [r], como vibrante livre.

Ex.: ['karɔ].

c) como constritiva dorso-velar surda [x] ou sonora [Y], como variantes livres.

Ex.: ['kaXɔ]. ou ['kaYɔ].

d) como constritiva dorso-uvular surda [ʁ] ou sonora [ʁ], como variantes livres.

Ex.: ['kaʁɔ] ou ['kaʁɔ].

e) como constritiva faríngea surda [ħ] ou sonora, [ʕ], como variantes livres.

Ex.: ['kaħɔ] ou ['kaʕɔ].

f) como constritiva laríngea surda [h] ou sonora [ɦ], como variantes livres.

Ex.: ['kalip] ou ['kaɦɔ].

3.2.1.2 - Vogais

As vogais do português em posição acentuada são: /i e ε a o o u i e ẽ õ u/

Classificam-se:

a) quanto ao lugar da articulação:

- anterior: /i e ε í ê /

- central: /a ẽ /

- posterior: / ɔ o u o ã /

b) quanto ao grau de abertura:

- fechada: /i ĩ u ã /

- semifechada: /e ê o õ /

- semi-aberta: /ɛ ɔ /

- aberta: /a ă /

c) quanto ao papel do céu do palato:

- orais: /i e ɛ a ɔ ou /

- nasais: /ĩ e ẽ õ u /

Em posição átona não final, o número destas vogais orais resume-se a cinco: /i e a o u/i e em posição átona final, seguida ou não de /j/, a três /i e o/.

3.2.1.2.1 - Alofones

Os principais alofones das vogais do português do Brasil são os seguintes:

a) todas as vogais orais acentuadas apresentam alofones nasalizados, quando se encontram antes de consoante nasal.

Ex.: ['kĩmɐ].

b) todas as vogais orais apresentam alofones nasalizados, em variação livre com alofones não nasalizados, quando se encontram no contexto duma consoante nasal.

Ex.: [kũ'tõ nũ mũto] ou

[kẽto nu 'matɔ].

c) todas as vogais apresentam um "glide" palatalizado, quando se encontram em sílaba fechada por constrictiva

palatal ou antes de /j/.

Ex.: ['gəʃtʃ].

['sajjɔ].

['a'pojjɔ].

d) as vogais posteriores acentuadas /o/ e /u/ apresentam um "glide" labializado, quando elas se encontram diante de /a/, em sílaba inacentuada final aberta ou fechada por /j/.

Ex.: ['bowɔ] ['Ruwɔ].

e) as vogais inacentuadas /i a u/ apresentam um alofone surdo, em variação livre com um sonoro, quando, precedidas de consoantes surdas ou ensurdecidas, encontram-se em sílaba final aberta ou fechada por /j/.

Ex.: ['pɔtʃj].

f) as vogais nasais posteriores /õ u/ apresentam um "glide" labializado em variação livre com a realização "pura" da vogal.

Ex.: [bõw' bõw] ou [bõbõ]

g) a vogal nasal [ẽ] apresenta um "glide" palatalizado em variação livre com a realização "pura" da vogal.

Ex.: [aprẽ' dʒi] ou [aprẽ' dʒi]

h) todas as vogais nasais diante duma consoante oclusiva apresentam, em geral, um alofone constituído pela vogal e um segmento consonântico homorgânico da consoante em questão, em variação livre com a realização "pura" da vogal.

Ex.: [põmbo]

[põntõ]
[kẽŋgẽ].

i) as vogais /i ĩ u ũ/ apresentam variantes não-silábicas, que vão constituir os ditongos e tritongos do português.

Ex.: ['Rej]

[vẽj]

[kwaw].

3.2.2 - Fatos Supra-segmentais

3.2.2.1 - Acento

O acento em português é geralmente caracterizado por uma maior energia sonora: acento de intensidade. Mas, como já foi observado para outras línguas que tem também este acento dinâmico, como o espanhol, o inglês e o alemão, por exemplo, a frequência- e a duração parecem também serem fatores importantes na realização do acento em português.

Para vários linguistas, a duração, em particular, parece ter um papel decisivo na distinção das variações acen-tuais nesta língua ⁽⁶⁾.

O acento em português é livre.

Sua posição não depende da estrutura fonológica da palavra. Ele pode recair sobre:

- a última sílaba.

Ex.: /sabi'a/

- a penúltima sílaba.

Ex.: /sa'bia/

- a antepenúltima sílaba

Ex.: /'sabria/

Raramente o acento pode recair sobre a sílaba que precede a antepenúltima. Isto só acontece nos grupos

Notamos neste exemplo que o grupo fônico compreende três partes distintas:

a) a parte inicial, ou ascendente, que começa em um nível tonal médio, característico das frases afirmativas, e apresenta, em seguida, uma elevação de voz, que atinge o seu ponto culminante na primeira sílaba tônica se, a mais alta da frase.

b) a parte medial, na qual o tom permanece aproximadamente o mesmo.

c) a parte final, ou descendente, em que o tom cai progressivamente a partir da sílaba ka. A frase termina em um nível tonal baixo.

ORAÇÃO INTERROGATIVA

Em relação a oração interrogativa temos de considerar a possibilidade da frase iniciar-se ou não por pronome ou adverbio interrogativo, pois a curva tonal é distinta nos dois casos,

Orações não iniciadas por pronome ou adverbio interrogativo.

Tomemos, por exemplo, a mesma oração afirmativa pronunciada porém de forma interrogativa:

Você tem um carro?

notamos que ela descreve a curva melódica:

vo 'se 'tēj ũ 'ka RU

que pode ser simplificada no esquema:



notamos neste caso:

1º) haver uma queda da voz na parte medial do segmento melódico que não altera o caráter ascendente desta modalidade de interrogação.

2º) haver uma ascensão acentuada da voz na última vogal tônica, ponto culminante da frase, seguida de uma queda brusca, apesar da melodia se manter em nível tonal elevado.

Comparando esta curva à da oração afirmativa, observamos que elas se distinguem:

1º) na parte final: descendente, na declarativa; ascendente, na interrogativa.

2º) na queda da voz a partir da última sílaba tônica: progressiva, na declarativa; brusca, na interrogativa,

3º) no nível tonal: médio e baixo, na declarativa; alto e altíssimo, na interrogativa.

Orações iniciadas por pronome ou adverbio interrogativo.

Vejamos a frase:

Quantas horas são?

Este enunciado tem uma curva melódica que se assemelha, em parte, ao da frase afirmativa. A entoação neste caso não é um fato relevante para a compreensão do enunciado como interrogação, uma vez que a partícula interro-

gativa quantas, por seu valor semântico realiza esta função.

3.2.3 - Estrutura silábica

O português apresenta as seguintes estruturas silábicas:

v	/ε/	ê
cv	/'pε/	pe
ccv	/'kru/	cru
vc	/'εʃ/	es
cvc	/'εʃ/	pes
cvcc	/perʃpeki'tiva/	perspectiva
ccvc	/'plasztiku/	plástico

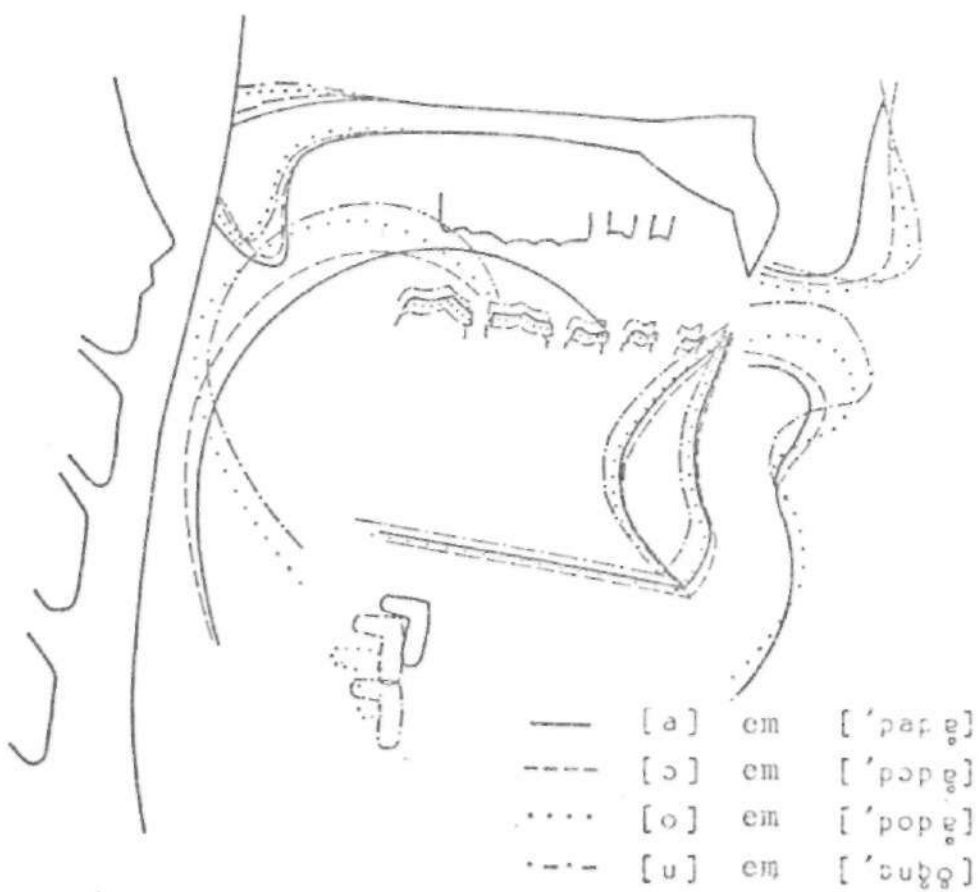
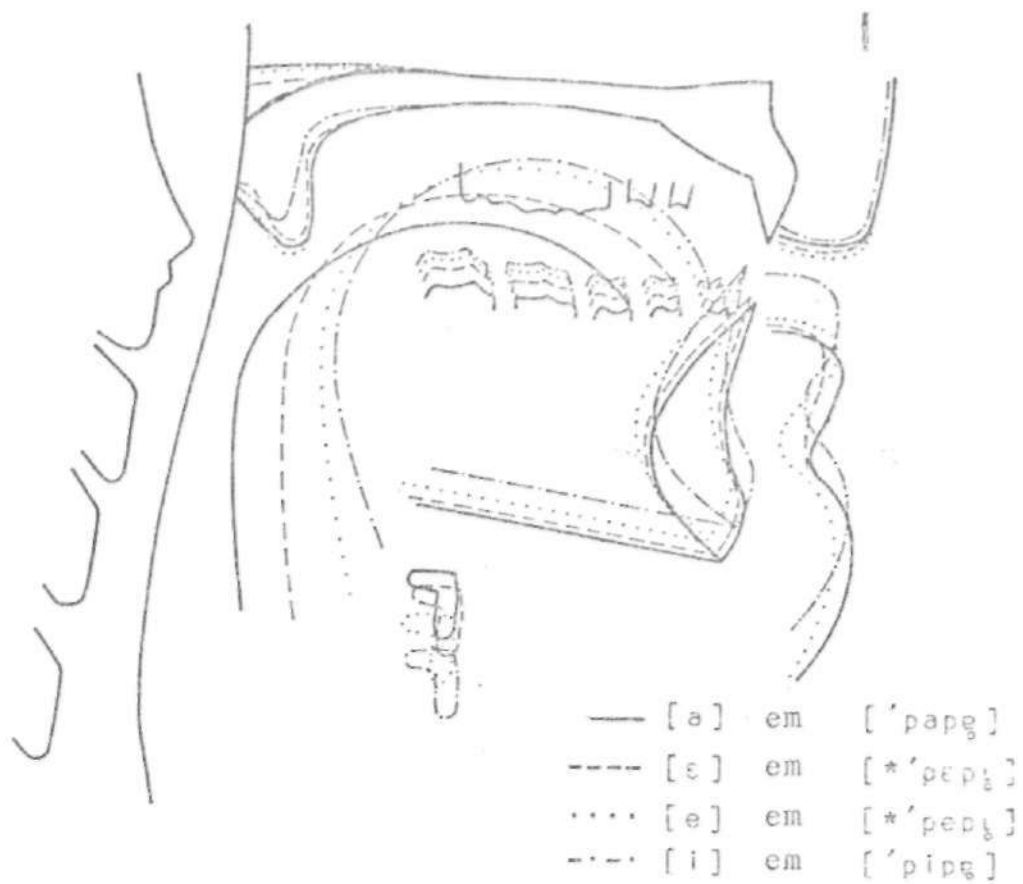


Fig.36 - As vogais orais do Português

3.2.4 - Distribuição dos Fonemas

3.2.4.1 - Distribuição das Vogais

Na estrutura silábica da língua portuguesa., como na maior parte das línguas, as vogais ocupam o centro da sílaba e as consoantes, as partes marginais.

Porém, as vogais apresentam as seguintes distribuições de ocorrência:

a) as vogais semi-abertas [e o] não se encontram em sílaba inacentuada.

Somente nos casos de palavras derivadas, formadas com os sufixos - mente, - inho, - ito, - zinho, - zito e íssimo, as vogais semi-abertas podem ocorrer em sílaba pretónica ou antepretónica.

Neste caso, elas recebem um acento secundário:

Ex.: /,so'zipu/

b) As vogais semi-abertas [e o] não se encontram diante de consoante nasal:

Ex.: /'Tepu/

c) A vogal semi-fechada anterior [e] não se encontra em posição inicial de sílaba inacentuada fechada por uma constrictiva.

Ex.: /iʃ'trela/ ou /eiʃ'trela/

d) As vogais semi-fechadas [e o] não se encontram em sílaba inacentuada final.

Ex.: /'tepu/

e) A vogal semi-fechada anterior nasal [ê] não se encontra em posição final inacentuada.

3.2.4.2 - Distribuições das Consoantes

a) Na sílaba

Todas as consoantes podem aparecer na posição inicial da sílaba. Nesta posição podem também figurar os grupos consonânticos constituídos de duas consoantes.

A segunda consoante destes grupos é sempre uma das líquidas: /r/ ou /l/.

Quando a segunda consoante do grupo é /r/, a primeira pode ser uma das oclusivas ou uma das constritivas labiais; quando a segunda consoante é /l/, a primeira pode ser uma das oclusivas, exceto /d/, ou a constritiva labial /f/.

Estes fatos podem ser esquematizados, pelo seguinte quadro:

C ₁	C ₂	V
p t k b d g f v	r	v
p t k b g f	l	v

Em posição final da sílaba, apenas aparecem: /ʁ R ʃ/,

Este fato pode ser esquematizado, no quadro seguinte:

V	C
V	L R S

b) Na palavra

Todas as consoantes podem realizar-se em posição inter vocálicas.

Mas, em posição inicial da palavra, /r/ não aparece e as palatais /ʎ ɲ/ figuram apenas em alguns vocábulos.

Em posição final da palavra, apenas são atestados /ʎ R ʝ/ que representam o resultado da neutralização de certas oposições observadas em posição intervocálica. :

/ʎ/~ʎ /i/r/~R/ e /s/~z/~ʃ/~ʒ/, respectivamente. /L/ é o resultado da neutralização da oposição entre as duas laterais do sistema: a alveolar e a palatal.

Esta unidade, diante de uma pausa ou de uma consoante inicial da palavra seguinte, realiza-se muito velarizada [ʎ] ou como a semivogal velar /w/.

Ex.: /KaRna'vaʃ'tri ʝti/
/'awma/

Diante de uma vogal ou uma semivogal inicial da palavra seguinte, ela se realiza como a lateral alveolar /ʎ/.

Ex.: /KaRna'vala¹legri/

/R/ representa a neutralização da oposição entre a vibrante simples e a vibrante múltipla e pode se realizar de várias maneiras.

Diante de uma pausa ou uma consoante inicial da palavra seguinte, ela se realiza como vibrante uvular múltipla

ou como constrictivas velar, uvular , faríngea, laríngea - sur-
la ou sonora.

Ex.: /k̄ 'taR/

/ka'taybo'nitu/

Diante de uma vogal ou uma semivogal inicial da pala-
vra seguinte, ela se realiza como vibrante simples:

Ex.: /k̄ 'tara¹legri/

/S/ representa a neutralização da oposição, tanto na
sonoridade x surdez, como de ponto de articulação entre as
duas constrictivas alveolares e as duas constrictivas pala-
tais do sistema. Esta unidade se realiza como uma constricti-
va palatal surda diante de uma pausa ou de uma consoante
surda; como uma constrictiva palatal sonora diante de uma
consoante sonora ou como uma constrictiva alveolar sonora di-
ante de uma vogal, inicial da palavra seguinte.

Ex.: ['kazɐj]

['kazɐ za' zu]

PAPEL DO VEU DO PALATO		O R A I S											
		OCCLUSIVAS		CONSTRITIVAS		AFRICADAS		LATERAIS		VIBRANTES		NASAIS	
MODO DE ARTICULAÇÃO		LENES		LENES		LENES		LENES		SIMPLES		MÚLTIPLAS	
FORÇA ARTICULATÓRIA		FORTES	LENES	FORTES	LENES	FORTES	LENES	FORTES	LENES	FORTES	LENES	FORTES	LENES
PAPÉL DAS CORDAS VOCAIS		SONO RAS	SURDAS	SONO RAS	SURDAS	SONO RAS	SURDAS	SONO RAS	SURDAS	SONO RAS	SURDAS	SONO RAS	SURDAS
BILABIAIS		p	b	ɸβ	ɸβ							m	m̥
LABIODENTAIS				f	v							ɸ	ɸ̥
DENTAIS		t	d	tʃ	dʒ								
ALVEOLARES				s	z	ts	dʒ	ʃ	ʒ	ʃʒ	ʃʒ	n	n̥
PALATAIS				ʃ	ʒ	tʃ	dʒ					ɲ	ɲ̥
VELARES		k+k	k ⁻ g ⁺ g ⁻ g ⁺ g ⁻	x	g ⁺ g ⁻ g ⁺ g ⁻ y ⁺ y ⁻ y ⁺ y ⁻							ŋ	ŋ̥
UVULARES				χ	ʁ							ʀ	ʀ̥
FARÍNGEAS				ħ	ʕ								
LARÍNGEAS				h	ɦ								

PUNTO DE ARTICULACIÓN

Quadro nº 7 - As consoantes do Português do Brasil e seus principais alofones.
Segundo M. da MATTA MACHADO (1987)

		Anteriores		Centrais		Posteriores	
		Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais
Papel das Cavi- dades bucais e nasais.	Fechada	i j ɿ i	ɿ ^m ɿ ⁿ ɿ ^m ɿ ⁿ ɿ ^m ɿ ⁿ			u uɿ u ^v u	u uɿ u ^w u ^m u ⁿ u ^o u ^m u ⁿ u ⁿ
	Aberta	ɿ ɿ	ɿ			o o ɿ ɿ ^o o ^w ɿ	o ɿ ɿ ^o o ^m ɿ ⁿ ɿ ^o o ^r ɿ ⁿ
Pequena	Fechada	e eɿ ɿ	e ^m e ⁿ e ^m e ⁿ eɿ				
	Aberta	ɿ eɿ					
Média	Fechada			e+ e ^m e ⁿ a ɿ	e ^m e ⁿ e ^m e ⁿ e ⁿ eɿ		
	Aberta			a eɿ			
Grande	Fechada						
	Aberta						

Quadro nº 8 - Os alofones das vogais do português do Rio de Janeiro.

NOTAS DO CAPÍTULO 3

- (1) figuras 1 a 6, 9, 12 a 21, 26, 28 a 33; Á Pronúncia da Língua Japonesa
- (2) figuras 10, 11 e 28: Hatsuon, The Japan Foundation., 1981, p. 33 - 65
- (3) figuras 22 a 26: Japanese Pronunciation guide p. 38, 39 e 41
- (4) figura 35: Nihongo Onsei Gaisetsu p. 101 e 102
- (5) figura 36: Mirian da MATTA MACHADO. Vol. 2 - p. 54

- (5) Ver a este respeito: J.A. MORAES. Acentuação Lexical e Acentuação frasal em português. In: Anais do IIº Encontro Nacional de Fonética e Fonologia. /Em elaboração/.

4 - COMPARAÇÃO DOS SISTEMAS FONOLÓGICOS DO JAPONÊS E DO PORTUGUÊS

Para estabelecer contrastes entre os sistemas fonológicos do japonês e do português, seguimos os seguintes critérios:

1. o som é fonema tanto em japonês como em português.
2. o som é fonema em japonês e alofone em português.
3. o som é fonema em japonês, mas não é fonema nem alofone em português.
4. o som e alofone em japonês e fonema em português.
5. o som aparece como alofone em ambos os sistemas.
6. o som aparece como alofone em japonês, mas não fonema nem alofone em português.
7. o som é fonema em português mas não é fonema nem alofone em japonês,
8. o som aparece como alofone em português, mas não é fonema nem alofone em japonês.

4.1- Análise contrastiva das consoantes

São fonemas tanto em japonês como em português: / p
t k b d g s z m n r / .

É fonema em japonês e alofone em Português: /h/.

São fonemas apenas em japonês: /Q N/ cujas realizações já foram descritas em 3.1.1.1.1.

São alofones em japonês e fonemas em português: /ʃ ʒ ɸ ɸ/.

São alofones em japonês e português: /k+ k- g + g- tʃ dʒ/

São alofones em japonês: /p^h t^h k^h ɸ ç pp tt kk ts dz ss/ mas não aparecem nem como fonema nem como alofone em português.

São fonemas em português: /f v ʀ r/ sem terem correspondentes em japonês nem como fonema nem como alofones.

São alofones em português: / ʒ ɸ Y x X ç x X/ sem correspondentes em japonês nem como fonema nem como alofone. Damos aqui os principais alofones do português do Rio e remetemos consulta ao Quadro 7, onde são apresentados outros tipos de alofones que também não aparecem no japonês.

4.2 - Análise contrastiva das vogais

São fonemas tanto em japonês como em português: /i e a o u/.

É fonema apenas em japonês: /R/, cujas realizações foram descritas em 3.1.1.2.1.

São alofones em japonês e fonemas em português:

/ĩ ã õ ù /.

São alofones em japonês e português: /i̇ ȧ u̇ i̇^j u̇^w/

São alofones em japonês: ȧ^w u̇ ȧ ȯ ã̇ õ̇ / mas não aparecem nem como fonema nem como alofone em português.

São fonemas em português: /ɛ ɔ / sem terem correspondência em japonês nem como fonema nem como alofone.

São alofones em português: /ė j̇ ȧ j̇ ȯ j̇ u̇ j̇ ė ȯ / sem correspondência em japonês nem como fonema nem como alofone.

4.3 - Análise Constrativa dos Fonemas Similares

Passaremos agora à comparação mais detalhada dos fonemas similares dos dois sistemas para verificarmos até onde os pares são semelhantes.

4.3.1 - Fonemas Consonantais

Vamos examinar os fonemas consonantais sob os seguintes aspectos:

- a) semelhança quanto ao modo de articulação.
- b) semelhança quanto ao ponto de articulação.
- c) semelhança quanto à posição que ocupam na sílaba e na palavra.
- d) semelhança quanto a distribuição.
- e) semelhança quanto ao contexto.

4.3.1.1. - Fonemas comuns a ambos os sistemas

Os fonemas consonantais em estudo, no caso, pertencem à primeira categoria da nossa análise contrastiva: são fonemas tanto em japonês, como em português.

São eles: / p t k b d g m n r s z /

Podem ser classificados:

a) quanto ao modo de articulação.

Oclusiva	Constritiva	Vibrante	Nasal
J P	J P	J P	J P
p p	s s	rr	m m
t t	z z		n n
k k			
b b			
d d			
g g			

Como vimos acima, o quadro não sofreu nenhuma alteração e quanto ao aspecto, modo de articulação, todos os pares permanecem semelhantes.

b) quanto ao ponto de articulação:

Bilabiais	Linguodentais	Alveolares	Velares
J P	J P	J P	J P
p p	t t	s s	k k
b b	d d	z z	g g
m m		rr	

A semelhança ainda persiste nos pares acima.

c) quanto à posição na sílaba e no vocábulo:

Sílaba			Vocábulo		
Início	Meio	Fim	Início	Meio	Fim
J P	J P	J P	J P	J P	J P
p p	- -	- p	p p	p p	- -
t t	- -	- t	t t	t t	
k k	- -	- k	k k	k k	- -
b b	- -	- b	b b	b b	- -

d	d	-	-	-	d	d	d	d	d	-	-
g	g	-	-	-	g	g	g	g	g	-	-
s	s	-	-	-	s	s	s	s	s	-	s
z	z	-	-	-	z	z	z	z	z	-	-
r	r	-	r	-	-	r	-	r	r	-	-
m	m	-	-	-	-	m	m	m	m	-	-
n	n	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-

Os sistemas apresentam aqui os seguintes fatos:

- no início da sílaba, as semelhanças entre os pares permanecem;

- no início do vocábulo, somente o japonês apresenta o fonema /c/.

- no meio da sílaba, somente o português apresenta o fonema /c/.

- no final da palavra, somente o português apresenta o fonema /s/.

d) quanto aos alofones:

Fonema	Alofones em Japonês	Alofones em Português
p	p p ^h	p
t	t t ^h ts t'	t t ^h
k	k k ^h k̚ k̄	k k̚ k̄
b	b β	b β
d	d d̚ dz	d d̚ ð
g	g g ₊ g ₋ ŋ	g g ₊ g ₋
s	s ʃ	s
z	ʒ d̚ dz	z
m	m m	m
n	n ɲ	n
r	r r̄ ɻ	r

e) quanto ao contexto

	Japonês	Português
/p/	[p]- diante das vogais e/j/	[p]- diante de todas as vo- gais e/ r l /
	[p']- diante das vogais e/j/ na sílaba inicial em variação livre	—
	[t]- diante de e a o	[t]- diante de e a o u e / r l /
/t/	[t']- diante de /e a o/ na sílaba inicial em va- riação livre.	—
	[tʃ]- diante de /i/ /j/	[tʃ]- diante de /i/
	[ts]- diante de /u/	—
	[k̲]- diante de /u /	[k̲]- diante de /u o ɔ ɔ̃ ũ /
	[K̲]- diante de /e a o/	[k̲]- diante de /a ē / e / r l /
/k/	[K']- diante de /e a o/ na sí- laba inicial em varia- ção livre	—
	[k̲+] - diante de /i j/	[k̲+]- diante de /i e e ī ē /
/b/	[b] - diante das vogais e/j/	[b]- diante de todas as vogais e / r l /
	[β] - intervocálica	[β]- intervocálica
	[d] - diante de / e a o /	[d]- diante de /e u a o/ e / r /
/d/	—	[δ]-
	—	[dʒ]- diante de i
	[g] - diante de /e a o/	[g]- diante de /a ē / e / r l /
/g/	[ɡ] - diante de /u/	[ɡ]- diante de /u o ɔ ɔ̃ ũ /

Japonês

Português

	[g ₊] - diante de /i/ e /j/	[g ₊] - diante de /i e e ĩ ē/
	[ŋ] - no meio da palavra	—
/s/	[s] - diante de /e a o u/	[s]- diante de todas as vogais
	[ʃ] - diante de /i/ e /j/	[ʃ]- diante de consoantes surdas em final de sílaba ou de palavra ou final absoluto.
/z/	[z] - em posição intervocálica, sendo as vogais seguintes / e a o u /	[z]- diante de todas as vogais ou final de palavra seguida de vogais
	[dz] - no início da palavra diante de / e a o u/	—
	[ʒ] - após as vogais quando seguidas de /i/ ou /j/	[ʒ]- diante de consoante sonora ou final de palavra seguida de consoantes sonoras
	[dʒ] - no início da palavra ou após /n/, diante de /i/ ou /j/	—
/m/	[m] - diante das vogais e /j/	[m]- diante de todas as vogais
/n/	[n] - diante de /e a o u/	[n]- diante de todas as vogais
	[ɲ] - diante de /i/ e /j/	—
/r/	[r] - diante de todas as vogais e /j/	[r]- posição intervocálica ou após / p t k b d g f v /
	[l] - início da palavra e após /n/ como variante livre	—

A comparação acima mostra que:

- nenhum fonema consonantal é igual em todos os aspectos, nos dois sistemas.
- em japonês, todos os fonemas acima podem preceder a semivogal /j/. Em português todas as oclusivas podem preceder a vibrante /r/ e com exceção de /d/, a lateral /l/.
- a oposição /d / e /z/ é neutralizada em japonês conforme a posição.
- não há oposição entre / r / e /l/ em japonês. Num determinado contexto usa-se indistintamente tanto /r/ como /l/.
- a oposição /s/ /z/ /ʃ/ /ʒ/ em português do Rio de Janeiro, é neutralizada numa sílaba fechada onde estes aparecem como variantes contextuais.
- não há oposição entre /s/ e /ʃ/, /z/ e /ʒ/ /n/ e /ɲ/ em japonês. Palavras como sake. [sake] bebida feita de arroz e syake [ʃake] salmão. São fonologicamente interpretados /sake/ e /sjake/.
- nenhuma palavra em português começa com / r /.
- em japonês, /g/ realiza-se como velar nasal mesmo no contexto de vogal oral, que nesse caso, pode-se realizar como vogal nasalizado.

4.3.1.2 - Fonema em japonês o alofone em português

É o fonema /h./

Pode ser classificado:

a) quanto ao modo de articulação

japonês	português
constritiva	constritiva

b) quanto ao ponto de articulação

japonês	português
glotal	laríngea

c) quanto à posição na sílaba e no vocábulo

	sílaba			vocábulo	
	J	P		J	P
Início	+	+		+	+
Meio	-			+	+
Fim	-	+			+

d) quanto a distribuição

Japonês	português
- diante das vogais /a e o/ :[h]	- variante livre em posição inicial e intervocálica com /R/ e demais alofones
- variante contextual diante de /u/ :[ç] *	- em final de sílaba no interior da palavra: /R/ /r/ ou constritiva posterior

*Embora a língua padrão determine esse uso, o dialeto de Tóquio apresenta tanto [ç] como [h] em variação livre nesta posição.

japonês

- variante contextual
diante de /i/ e /j/[ç]

português

- variante livre em final de palavra seguida de consoante ou de pausa com /R/ e demais alofones além de forma zero. Se a consoante seguinte é /m/ /n/ /l/ ou /R/ pode ainda realizar -se como /r/.

- variante contextual diante da vogal, em posição final de palavra: [r]

e) quanto ao contexto

japonês

[h]- diante das vogais /a e o/

φ - diante da vogal /u/

[ç] - diante da vogal /i/ e semivogal /j/

português

-[r] e [R] diante de todas as vogais

- outros diante de todas as vogais e no final de sílaba ou vocábulo

A comparação mostra que:

-/h/ em japonês apresenta variante contextual [ç] ponto de articulação (palatal) e anterior ao de tora variações livres de /h/ em português (desde a úvu-

- em português ocorre neutralização entre /R/ e /r./

determinadas posições.

- em português, a constrição pode dar lugar a aspiração glotal ou mesmo não ser realizada, conforme a posição que se encontra o fonema,

4.3.1.3 - Alofones em japonês e fonemas em português

São eles [ʃ ʒ ɮ ɹ]

Podem ser classificados

a) quanto ao modo de articulação

Constritiva		Lateral		Nasal	
P	J	P	J	P	J
ʃ	ʒ	ɮ	ɹ	ɸ	ɹ̃

Os pares permanecem semelhantes quanto a este aspec-

b) quanto ao ponto de articulação

	japonês	português
[ʃ]	Fricativa Alvéolo Palatal	Palatal
	Lateral Alveolar	Lateral Alveolar
	Nasal Palatal	Nasal Palatal

c) quanto à posição na sílaba e no vocábulo

	Sílaba						Vocábulo					
	Início		Meio		Final		Início		Meio		Final	
	J	P	J	P	J	P	J	P	J	P	J	P
[j]	+	-	-	-	-	+	+	+	+	-	+	
[ʒ]	+	+	-	-	-	+	-	+	+	-	+	
[l]	+	+	-	+	-	+	+	+	+	-	+	
[ɲ]	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-

* pouquíssima ocorrência

d) quanto à distribuição

	japonês	português
j	: diante das vogais /i/ e semi vogal /j/ : j diante de outras vogais: s	- diante de todas as vogais
ʒ	: em posição entre uma vogal e /i/ ou /j/	- diante de todas as vogais
[l]	: diante de vogais em sílaba inicial da palavra ou após /N/ em variação livre com /r/ posição intervocálica: /r/	- diante de todas as vogais - entre consoantes / p t k b g f / e vogais - após vogais em posição final de sílaba seguida de consoantes ou de pausa: [ɲ] ou [w]
ɲ	: diante de vogal /j/ e semivogal /j/ diante de outras vogais: n	- diante de todas as vogais

A comparação mostra que:

- o ponto de articulação das constrictivas palatais em japonês é um pouco anterior em relação ao mesmo em português.
- em português há neutralização de /s / e /ʃ / e /z / e /ʒ / em posição final de sílaba (ver 4.3.1.1).
- nenhuma palavra em japonês começa com /ʒ/.
- embora variante de /r/ em demais contextos, /l/ não ocorre diante da semívogal /j/ em japonês.

4.3.1.4 - Alofones em ambos os sistemas

São eles: [tʃ dʒ k̟ k̠ β ɡ ɡ̟]

Podem ser classificados

a) quanto ao modo de articulação

Oclusiva			Constrictiva		Africada	
J	P		J	P	J	P
K ⁺	K ⁻	K ⁺	β	β	tʃ	dʒ
ɡ ⁺	ɡ ⁻	ɡ ⁺	ɡ ⁺	ɡ ⁻	tʃ	dʒ

b) quanto ao ponto de articulação

Bilabial	Palatal			Velar	
	Prê-Palato	Médio	Pal.	Pré-velar	Pós-velar
B	Jap	Port		Jap	port
	tʃ	tʃ		k̟	k̠
	dʒ	dʒ		k̟	k̠

c) quanto a posição na sílaba e no vocábulo

	Sílaba						Vocábulo					
	inicial		medial		final		Inicial		medial		final	
	J	P	J	P	J	P	J	P	J	P	J	P
β	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-
k ⁺ :	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-
k ⁻ :	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-
g ⁺ :	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-
g ⁻ :	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-
tʃ:	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-
dʒ:	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-

d) quanto à distribuição

japonês

português

β - variante livre de [b] em posição intervocálica

- em variação livre com [b] em posição intervocálica

- demais posições: [b]

- demais posições: [b]

[k⁺]: - variante contextual de /k/ diante de /i/ e /j/

- antes de /i e e i ē/

- diante de /u/: [k⁻]

- sílaba inicial de palavra: [k] ou

[k⁻]: - ver acima no k⁺

- antes de /u o o õ ũ/

[g⁺]: - variante contextual de /g/ diante de /i/ e /j/ em sílaba inicial de palavra

- nas mesmas posições de [k⁺]

- diante de /u/ em sílaba inicial de palavra:

[g⁻]

-no meio da palavra, em

variação livre :[ŋ]

- demais posições : | gl
 - [g̃] - ver acima no [k-J
 - [t̃] - antes de /i/ e /j/
 - antes de /u/: [ts]
 - antes de outras vogais:
 - t
 - [d̃] - antes de /i/ c /j/ em
 - posição inicial de palavra ou após /N/
 - antes de /u/ em posição inicial de palavra ou após /N/: [dz]
 - no meio da palavra, precedida de vogal, em variação livre com
 - [dl: ʒ]
 - no meio da palavra, precedida de vogal, em variação livre com
 - [dz] : [z]
- nas mesmas posições de [k-]
 - antes de /i i/
 - outras posições: [t]
 - antes de /i i/
 - outras posições: [d]

A comparação mostra que:

- o ponto de articulação das africadas em japonês é mais anterior que o correspondente em português.
- a oposição /d/ x /z/ é neutralizada diante das vogais /i/ /u/ e semivogal /j/ em japonês.
- a realização de /k/ é mais anterior que o fonema correspondente em japonês, quando este precede vogais anteriores.
- a realização de /k/ é mais posterior que o fonema correspondente em japonês, quando este precede vogais posteriores,
- [ts] e [dz] não possuem correspondentes em português,

4.3.2 - Fonemas Vocálicos

Vamos examinar agora os fonemas vocálicos similares sob seguintes aspectos:

- a) quanto ao lugar da articulação
- b) quanto ao grau de abertura
- c) semelhança quanto aos alofones
- d) distribuição

4.3.2.1 - Fonemas comuns aos dois sistemas

São fonemas tanto em japonês como em português: /i e a o u/

Podem ser classificados:

- a) quanto ao lugar de articulação

	Anterior	Central	Posterior
japonês	i e	a u	o
português	i	e	a o u

- b) quanto ao grau de abertura

	Fechada	Semifechada	Aberta
japonês	i u	e o	a
português	i u	e o	a

- c) quanto aos alofones

	japonês					Português				
/i/	i	i̇	ĩ	i ^j	j	i	i̇	ĩ	j	i ^j
/e/	e	ė				e	ė	e ^j		
/a/	a	ã	ȧ	a ^w		a	ȧ	a ^j		
/o/	o	õ	ȯ			o	õ	o ^j		o ^w
/u/	u	ũ	u̇	u ^w		u	ũ	u ^j		u ^w

d) quanto à distribuição

- em japonês, todas as vogais da sílaba tônica, ocupam a posição inicial, medial e final do vocábulo; em português as vogais semifechadas [e o] não se encontram em sílaba final. Nesta posição há neutralização da oposição entre /i/ e /e/ e entre /u/ e /o/ embora neste último caso geralmente aparece o alofone [ɐ] :
- em português, a vogal a só aparece no final de palavra em posição acentuada. Em posição átona final, aparece o alofone [ɐ];
- tanto em japonês como em português, todas as vogais apresentam alofones nasalizados, em variação livre com alofones não nasalizados quando se encontram antes, depois ou entre as consoantes nasais;
- em japonês, as vogais átonas /i u/ apresentam uma variação contextual surda [i̥] antes, depois e entre as consoantes surdas (ver 3.1.1.2.1), em português as vogais inacentuadas /i a u/ apresentam um alofone surdo, em variação livre com um sonoro quando precedidas de consoantes surdas, encontram-se em sílaba final aberta ou fechada por /ɰ/ (ver 3.2.1.2.1),
- em japonês, a vogal /a/ apresenta um alofone surdo, em variação livre com um sonoro, no contexto [h - h] ou [k - k] e a vogal /o/ apresenta um alofone surdo, em variação livre com um sonoro, no contexto [k - k] ou no contexto entre consoantes surdas, sendo a primeira /h/ (ver 3.1.2.1).
 - em japonês, somente a vogal [j] apresenta uma variação livre com "glide" palatalizado quando apa-

rece entre uma consoante palatal e /a/ (v. 3.1.1.2,1); em português, todas as vogais apresentam um "glide" palatalizado, quando se encontram em sílaba fechada por constrictiva palatal ou antes de /j/.

- em japonês, somente a vogal /u/ apresenta um "glide" labializado, quando ela se encontra diante de /a/; em português as vogais posteriores acentuadas /o u/ apresentam um "glide" labializado, quando diante de /a/, em sílaba inacentuada final.
- em japonês, as vogais /i/ e /u/ apresentam variantes livres não silábicas, quando constitui sozinha uma sílaba átona, precedida de vogais; em português, /i u/ apresentam variantes não silábicas na posição postônica, e no caso de /u/, após oclusivas velares /k g/.












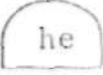
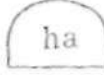


















O estudo contrastivo mostra que o fonema /R/ é o único sem correspondente em português. Entretanto, os fonemas /a e o/ e os alofones /i̇ i̇^j j u̇ u̇^w/ apresentam distribuições diferentes nos dois sistemas. Além disso, o sistema fonológico japonês apresenta os alofones /w ã w̃ ɔ̃/ inexistentes em português,

4.3.3 - Sílabas comuns aos dois sistemas

De acordo com a estrutura silábica estudada (v.3.1.3 e 3.2.3), o padrão silábico comum a dois sistemas é aquele constituído de vogal (V) ou de CV. Entretanto, ainda há caso de algumas palatais interpretadas fonologicamente




como CSCV em japonês e CV em português. O quadro em seguida, mostrará as sílabas comuns das duas línguas.

Sendo as vogais comuns, i e a o u, temos assim, as seguintes sílabas comuns aos dois sistemas:

- i	- e	- a	- o	- u
pi	pe	pa	po	pu
	te	ta	to	-
	ke	ka	ko	
bi	be	ba	bo	bu
				
	de	da	do	-
	ge	ga	go	
	se	sa	so	su
	ze	za	zo	zu
				
				
				
				
ri	re	ra	ro	ru
mi	me	ma	mo	mu
	ne	na	no	nu
				

Quadro nº 10 -

Observação:

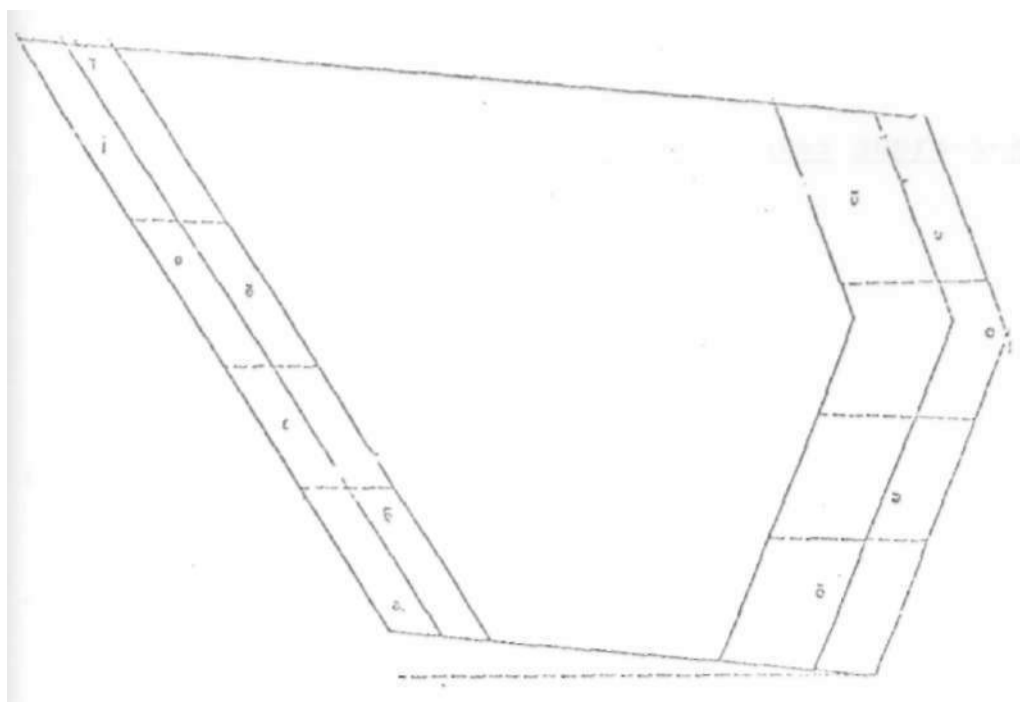
-  : alofone em duas línguas;
-  : alofone em japonês;
-  : alofone em português;

[u] Existe a realização com[w]em japonês;

[ptk] Em posição inicial da palavra existe a realização com aspiração, em japonês.

[r] Em posição intervocálica ;

[n] Em português, raramente ocorre em posição inicial de uma palavra.



Quadro nº 9 - Representação esquemática das zonas de articulação das vogais do português do Rio de Janeiro

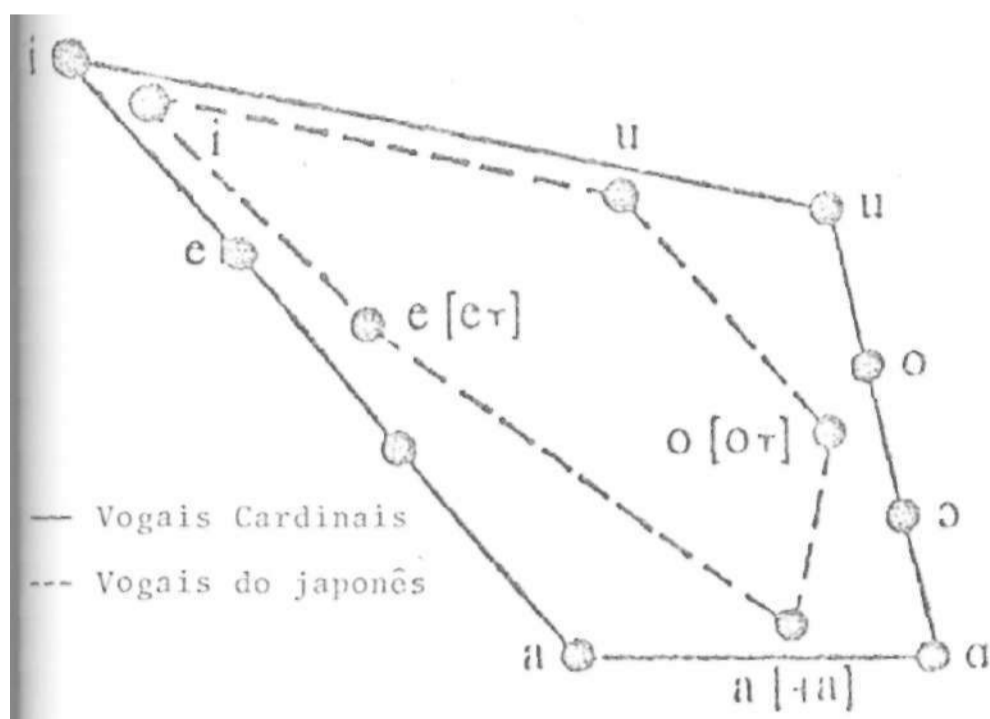


Diagrama representando relações entre as vogais do japonês e as vogais cardinais

4.4 - Análise contrastiva dos fatos supra-segmentais

4.4.1 - Acento

O acento em japonês é musical ao passo que o português apresenta acento de intensidade.

Alem disso, o acento em japonês recai sobre a mora e em português recai sobre a sílaba.

Tanto em japonês como em português, o acento é livre e suas funções são distintivas e culminativas.

4.4.2 - Entoação

Tanto em japonês como em português nas frases afirmativas há uma descida de tom no final da frase sendo que em japonês essa descida verifica-se na ultima mora do enunciado. Em português, a partir da ultima sílaba tónica.

Nas frases interrogativas em japonês a elevação da voz deve abruptamente na ultima mora, ao passo que em português a melodia da frase interrogativa começa a subir desde o início do enunciado.

j) Haru wa / dokoka ni / hana o mi ni / odekake ni naru?



p) Ele já voltou para a casa?



NOTA DO CAPÍTULO 4

Fig. : A Grand Dictionary of Phonetics The Phonetic Society of Japan, Tóquio, 1981. p. 610.

5 - LEVANTAMENTO DE ERROS

Na parte 4 deste trabalho, fizemos um estudo contrastivo dos sistemas fonológicos do japonês e do português e mostramos as semelhanças e diferenças dos mesmos.

Nesta parte, faremos o levantamento dos principais erros, quanto à percepção e à reprodução.

5.1 - Erros de Percepção

O quadro nº 11 mostra em passagens, as palavras em que os alunos que estão se iniciando no estudo da língua japonesa demonstraram maiores dificuldades quanto à percepção, em ordem decrescente (lista parcial do Corpus 1).

セーラー	[se: ra:]	marinheiro	100%
天気予報	[teŋkijoho:]	previsão de tempo	95%
ドクター	[dok ōta:]	médico	94%
金髪	[kimpats ō]	loiro	94%
ラバー	[ra ba:]	amado	94%
ガーデン	[ga:den]	jardim	94%
計画	[ke:kakŋ]	plano	91%
ターバン	[ta:ban]	turbante	89%
フォーム	[fo:m ŋ]	forma	89%
エラー	[e ra:]	erro	89%
幼稚園	[jo:t ien]	jardim de infância	87%
汗	[ase]	suor	84%
帽子	[bo: i]	chapéu	83%
チェーン	[t e:n]	corrente	80%
グループ	[g ŋ r ŋ :pŋ]	grupo	80%
水族館	[s ŋ izok ŋ kan]	aquário	80%
バー	[ba:]	bar	78%

ターン	[ta:n]	volta	78%
ポート	[po:to]	porto	78%
指輪	[jubuwa]	anel	76%
飼主	[kainu {i}]	dono	76%
番号	[ban'no:]	número	75%
旅行	[ryoko:]	viagem	75%
六千円	[rokmseēn]	seis mil ienes	75%
領収書	[ryō: {m: }o]	recibo	75%
ガール	[ga:ru]	menina	73%
レコード	[rekō:do]	disco	73%
ゴルフ	[gorufu]	golfe	73%
ソフト	[sofuto]	suave	73%
リスト	[risuto]	lista	73%
タンカー	[tanka:]	navio tanque	73%
チーズ	[tʃi:zu]	queijo	71%
ロード	[rō:do]	estrada	71%
ソース	[so:su]	molho	71%
ローラー	[rō:ra:]	rolo	71%
冷蔵庫	[re:zō:ko]	geladeira	70%
頑張る	[ganbaru]	empenhar	68%
会う	[au]	encontrar	68%
スワン	[suwan]	cisne	68%
ダービー	[da:bi:]	Derby	68%
富士山	[fudzisan]	Monte Fuji	68%
軍人	[gundzin]	militar	68%
留学生	[ryū:gakusei]	estudante estrangeiro	68%
ジープ	[dipu]	jipe	66%
スピーチ	[spi:tʃi]	fala	66%
ハーフ	[hafu]	mestiço	66%
トーキー	[tō:k'i:]	cinema sonoro	66%
青い	[aoi]	azul	64%
スカート	[skā:to]	saia	63%
インスタント	[insutanto]	instantâneo	63%
原因	[gen'in]	causa	63%
六冊	[roksatsu]	seis volumes	62%
中学校	[tʃu:zakko:]	escola secundária	62%

牛乳	[gjm:nj m:]	leite	62%
蚕	[kaiko]	bicho de seda	61%
レール	[re:rm]	trilho	61%
ボーク	[bo:km]	erro	61%
雑誌	[dza ʃʃi]	revista	58%
妊婦	[n'imp m]	mulher grávida	57%
ゴールド	[go: rudo]	ouro	57%
遊ぶ	[asobu]	brincar	56%
特別	[tok mbetsu]	especial	56%
傘	[kasa]	sombrinha	56%
六百	[roppjakm]	seiscentos	56%
大統領	[daito:rjo:]	presidente de um país	56%
請け合う	[mkea m]	empreender	55%
任務	[n'immu]	missão	54%
池	[ike]	lagoinha	53%
シール	[ʃi:rm]	selo	52%
ボート	[bo:to]	barco	52%
エメラルド	[eme ra rudo]	esmeralda	52%
コイル	[koi rm]	bobina	52%
ボール	[bo: rm]	bola	52%
カーテン	[ka:ten]	cortina	52%
ちょうちん	[t ʃo:t ʃin]	lanterna	50%
輸入	[j unjw:]	importação	50%
別々	[betsubetsu]	separado	48%
各駅	[kak mek'i]	cada estação	48%
スピード	[s mpi:do]	velocidade	47%
バード	[ba:do]	pássaro	47%
ハードル	[ha: doru]	barreira	47%
チョーク	[t ʃo:k u]	giz	47%

Quadro nº11

Os tipos de erros foram agrupados em quatro categorias, de acordo com a natureza dos mesmos, tomando-se como base os seguintes critérios:

a) erros fonológicos. Tais erros são causados pela ausência de fonema correspondente na língua do aluno. Para o nosso caso, são os fonemas /Q N R/. O levantamento mostrou que os informantes conseguem distinguir a duração do /R/ quando este coincide com a mudança do tom.

Ex. : [se:ra:].

Neste caso quase todos os informantes distinguiram a duração do [se:], mas todos erraram do [ra:].

Entre os três fonemas acima é /R/ que causa maiores dificuldades na percepção. Observando o quadro de erros, constatamos que este fonema está presente em 'dezesseis (16) das vinte (20) palavras com maior "incidência de erros.

O fonema /N/ apresenta maiores problemas na distinção, quando ocorre assimilação total com a nasal contígua: [baŋŋo:] ou quando está em posição final de palavra: [ga:deN]. Quando /N/ aparece diante das oclusivas, é geralmente percebido pelos informantes.

O fonema /Q/ apresenta ocorrências de erro bem menor que os outros dois.

b) erros fonéticos. São os causados devido a traços fonéticos diferentes em fonemas comparáveis com os de língua materna. Os informantes apresentaram muita dificuldade em relação a [b] que era percebido como seu oposto surdo.

A oposição surda/sonora considerada distintiva pela maioria dos lingüistas em ambas as línguas não foi sistematicamente observada em palavras como: [bo:i] [gwrw:pɸ] . Em tais casos, os informantes perceberam /b/ e /g/ como surdas. (Segundo M. da MATTA MACHADO e o traço distintivo forte Iene que opõe /p t k/ a /b d g/).

c) erros alofônicos. São os causados pela diferença parcial das estruturas alofônicas, nas duas línguas. O traço de aspiração nos alofones [pʰ tʰ kʰ] quando estes aparecem no início da palavra ou após /Q/, tem causado erros de troca entre eles.

Assim: [ta:bãN] > ka:baN; [po:to] > ko:to;
[ta:N] > ka:aN.

Ainda neste tipo de erro, o alofone /ɸ/ e o que tem causado maior número de problemas como pode ser observado nos exemplos; [gwrwjpɸ] > guruɸ [dokɸta:] > toota e [gwrwɸw] > gorusu.

Neste último caso, houve ocorrência de erros em dois alofones [ɸ] e [ɸ] que só existem em japonês. Erros como /huzisaN/ [ɸɸdzisaN] > kujisan, /ha:hu/ [ha:ɸɸ] > ha:pu, resultam da dificuldade de distinguir estes sons que não pertencem ao sistema fonológico do português. Este último caso, na verdade, deveria ser estudado em outro item, pois como /h/ não é fonema em português, mas alofone, os estudantes deverão além de dominar a pronúncia do /h/, ainda dominar a regra de variação alofônica.

d) erros distribucionais. São os erros causados quando os fonemas ou alofones não possuem as mesmas regras de distribuição no vocábulo e na sílaba nas línguas em questão.

O exemplo disso é o fonema /r/ que, mesmo sendo comum aos dois sistemas, nunca ocorre em português no início do vocábulo. A semiconsoante /j/ não ocupa também esta posição em português, mas ocupa-a em japonês. Quanto a este último fonema, em japonês, ele ocupa também a posição medial quando precedido de consoante na sílaba e seguido de /a o u/. Daí, numerosas incidências de erros nas palavras onde aparecem este fonema no citado contexto: /rjuR/ /rjokoR/, onde /r/ não é percebido. Quando [r] não vem seguido de /j/, normalmente ele é percebido como /n/ ou /l/.

5.2 - Erros de Reprodução

No teste de reprodução constatamos as seguintes dificuldades:

A nível segmental os informantes que já têm um conhecimento melhor da língua, não apresentaram nenhuma das substituições dos fonemas do japonês que foram vistas no teste de percepção, cujos informantes estavam na fase inicial de aprendizagem.

Entretanto, alguns desvios no padrão do japonês falado foram observados ao nível supra-segmental, a saber:

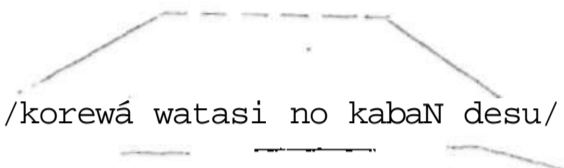
a) substituição do acento musical pelo acento de intensidade (Inf. 1 e 3). Assim, algumas partes da sentença, segmentação da unidade de fala fica mais longa que as outras, pois em português, onde há acento de intensidade, a duração também é maior. O informante 4, sem domínio do acen-

to tonal, não realiza também o acento de intensidade, resultando segmentos com pouca variação na curva melódica.

b) os segmentos não são realizados isocronicamente.

Assim: /zassi/ é realizado como /zasi/; /ko:tja/ como /'kotja/ e /konnitiwa/ como /konitiwa/.

c) a duração na sentença assertiva é realizada com o padrão da entoação do português:



Inf. /korewá watasi no kabaN desu/.

Modelo /korewa watasi no kabaN desu/

Nas sentenças interrogativas, a entoação dos informantes foi considerada satisfatória.

6 - CONCLUSÃO

A descrição dos sistemas fonológicos do japonês e do português e a análise contrastiva dos mesmos permitiu-nos estabelecer as semelhanças e as diferenças existentes nas duas línguas.

No aspecto segmental, a língua japonesa mostrou ser menos complexa que a portuguesa, o que poderia favorecer a sua aprendizagem. Entretanto, os levantamentos feitos com os alunos dessa língua mostraram que, no estágio inicial da aprendizagem, cometem uma série de erros. Estes erros foram analisados com base nos dados obtidos pela análise contrastiva entre as línguas em questão e muitos deles puderam ser diagnosticados como consequência da interferência da língua materna.

Entre eles podemos citar:

a) substituição de fonemas

Ex.: /j/ > /i/ : /jama/ > iama

b) transferências de regras fonológicas

Ex.: /r/ > /R/ : /res_ψtoraN/ > /Resutorã/

c) fonotática

Ex.: /s_ψ/ > /is/ : /s_ψpiRtʃi/ > /isupiitʃi/

Entretanto, esses erros acontecem apenas no estágio inicial da aprendizagem, como pode ser comprovado pelos testes realizados com os alunos de nível mais adiantado, onde os erros que permanecem são geralmente relativos às consoantes geminadas e às vogais longas, bem como, ao ensurdecimento das vogais.

Ex.: /N/ > /ṽ/ : /koN'pitʃiwa/ > /kõpitíwa/
 /Q/ > /ϕ/ : /zaQsi/ > /zafji/
 /R/ > /v/ : /koRtʃa/ > /kotʃa/
 /y/ > /ϕ/ : /kaimasyka/ > /kajmaska/

Estes três fonemas e o fenômeno de ensurdecimento estão diretamente ligados aos fatos supra-segmentais de acento e duração. A compreensão e o domínio da unidade básica fonológica (mora), menor que a unidade fonética (sílaba) seria fundamental para superar estes erros. Além disso, para o fenômeno do ensurdecimento, seria necessário que o aluno aprendesse a usar o acento sobre a mora.

Desta forma, acreditamos que os erros dos fonemas segmentais /R Q N/ que na hierarquização dos erros são classificados como graves, uma vez que os pares mínimos entre os fonemas acima e seus opostos simples são numerosos, não podem ser interpretados independentemente dos fatos supra-segmentais.

No aspecto supra-segmental, a interferência do português é muito evidente, como podemos observar na análise dos erros.

Dos quatro informantes do Corpus 3, dois transferiram o acento de intensidade do português para o japonês; um usou os traços prosódicos dos dois sistemas concomitantemente e o outro não usou nem o acento tonal nem o de intensidade.

Quanto à entoação, a curva melódica nas sentenças asserviras obedece basicamente ao sistema do português, mas

nas sentenças interrogativas sua realização é geralmente aceitável dentro dos padrões do japonês, isto está relacionado ao fato dos padrões da entoação das sentenças interrogativas em português apresentarem, em alguns casos, uma certa semelhança com os padrões destas mesmas sentenças em japonês.

Hoje é considerado obvio que a aprendizagem da boa pronuncia, num curso de língua estrangeira, que visa a atingir o objetivo do ensino da língua como meio de comunicação e tão importante quanto o ensino dos outros níveis: o morfológico e o sintático. A comunicação se torna mais eficaz se o falante estrangeiro dominar o padrão da língua aceito pelos falantes nativos desta.

Ora, sabemos que as línguas possuem sistemas fonológicos, cujas estruturas diferem de uma língua para outra, Assim, no caso que nos concerne, um falante da língua portuguesa que deseje falar corretamente o japonês terá que se exercitar, para bem realizar não só os fonemas segmentais desta língua, como também os supra-segmentais. Torna-se necessário que se habituar-se a utilizar o acento musical do japonês, a duração, a mora, como traços constitutivos das palavras, e a entoação como elemento constitutivo da frase.

Neste sentido, pensamos como B. MALMBERG, para quem: "o ensino das línguas estrangeiras é um campo em que a Fonetica tem enorme importância prática. Quem quiser aprender a pronunciar bem uma língua estrangeira, tem de conseguir dominar um grande número de novos hábitos articulatórios (uma nova base articulatória). Tem de acostumar-se a articular os sons estrangeiros exatamente como se fez na

língua em questão e não deve continuar a servir-se dos hábitos próprios da sua língua materna. Não se julgue que basta aprender alguns sons novos e, de resto, empregar os sons já conhecidos. É todo um sistema de hábitos articulatórios, nele compreendidos a entoação e o emprego dos acentos, que será substituído por qualquer coisa de novo. Sem um conhecimento profundo da Fonética das duas línguas em questão, o professor de línguas jamais conseguirá ensinar aos seus alunos uma pronúncia perfeita da nova língua". (MATTBERG, 1974)

Lembremos também aqui a importância do uso de um bom método de transcrição fonética, que abranja não só os fatos segmentais, como também os supra-segmentais para a aprendizagem correta dum novo sistema fonológico. A invenção do Alfabeto Fonético Internacional (API) pelos fonetistas P. PASSY e H. SWEET, em 1888, trouxe uma enorme contribuição para o ensino do sistema fonológico de uma língua estrangeira.

Queremos ressaltar ainda que este tipo de pesquisa por nos empreendida exigiria, para uma descrição, científica dos fatos fonológicos aqui abordados, os recursos fornecidos pelos modernos métodos da Fonética Experimental,

Assim, para a descrição articulatória dos sons, o ideal seria termos podido recorrer à radiocinematografias e, para a descrição dos fatos prosódicos, a traçados fornecidos pelo mingógrafo ou pelo analisador de melodias.

Como foi dito na parte dos Objetivos, este trabalho não teve como finalidade prever, através de uma análise contrastiva, os erros possíveis que um falante do português

cometeria ao aprender a língua japonesa. Nossa análise, ao contrário, serviu para levantar os erros cometidos de fato pelos alunos, cujas causas o fator interferência da língua materna poderia explicar.

Creemos ter alcançado este objetivo. Se algumas explicações para os erros observados não puderam ser encontradas dentro do enfoque dado a este trabalho, sabemos ser isto aceitável, uma vez que, no processo da comunicação, outros fatores linguísticos e extralingüísticos estão envolvidos.

No presente trabalho, pretendemos também, a partir da análise de erros, fornecer elementos para facilitar a apreensão dos erros de pronúncia.

Sabemos que este dispositivo não é suficiente, para que os alunos alcancem uma boa expressão oral. No entanto, contribuí para as indicações metodológicas do tratamento destes erros, uma vez que o desenvolvimento do domínio dos processos de expressão oral prevê um complemento de um conjunto metodológico.

Este trabalho coloca a disposição do professor de japonês para falantes brasileiros, a partir do seu estudo contrastivo, e do levantamento de erros nele feito, uma descrição detalhada dos fatos articulatórios, indispensável aos conhecimentos específicos do professor no ensino da língua oral.

7 - BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Antônio. The Portuguese Nasal Vowels: Phonetic and Phonemics. In: SCHMIDT - RADEFELDT, J. Headings in Portuguese Linguistics. Amsterdam North - Holland. 1976.
- AMANUMA, Yasushi, OTSUBO, Kazuo e MIZUTANI, Osamu. Nihongo onseigaku. Tóquio, Kuroshioshupan, 1980.
- BARBOSA, Jorge Morais. Etudes de Phonologie Portugaise. 2 vol. Évora, Universidade de Évora, 1983.
- BELL, Roger T. An Introduction to Applied Linguistics. London, Batsford Academic and Educational, 1981.
- BLOCH, Bernard. Studies in Colloquial Japanese. IV: Phonemics. Language, Baltimore, 1 (26): 86 - 125, 1950.
- BUNKACHÔ. Onsei to Onseikyôiku - Tóquio, Ôkurashôinsatsu - kypkua. 1971.
- CAMARÁ JR., Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa. 14 ed. Petrópolis, Vozes, 1984.
- _____. História da Linguística. 3 ed. Petrópolis, Vozes, 1979.
- COMPANYS, Emmanuel. Phonétique Française pour Hispanophones. Col. Le Français dans le Monde - B.E.L.C, Paris, Hachette e Larousse, 1966.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

- DILLON, Myles. An Examples of Phonetic Mixture. In: The Study of Sounds. Tóquio, (1 3) , . 1 9 6 5 .
- DOI , Elza Takeo. A Interferência Fonológica no Português Falado pelos Japoneses na Região de Campinas (SP). Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 1983.
- DUBOIS, Jean et alli. Dicionário de Linguística. São Paulo, Cultrix, 1978.
- FUJIMURA, Osamu. Acoustics of Speech. In: Annual Bulletin. Tóquio, 6, 149 - 198, 1972
- FUJISAKI, Hiroya, HIROSE, Hajime e SUGITO, Miyoko. Analysis, Synthesis, and Perception of Word Accent Types in Japanese. In: Annual Bulletin. Tóquio, 10, 173-176, 1976.
- _____ e KUNISAKI, Osamu. Analysis, Recognition, and Perception of Voiceless Fricative Consonants in Japanese. In: Annual Bulletin. Tóquio, 10, 145 - 156, 1976.
- _____ MORIKAWA, Hiroyoshi e SUGITO Miyoko. Temporal Organization of Anticulatory and Phonatory Controls in Realization of Japanese Word Acdent. In: Annual Bulletin. Tóquio, 10, 177 - 190, 1976.
- FUKUI, R. Spectrographic Study of the Vowels [a] an [a] in Portuguese. In: Annual Bulletin. Tóquio, 14, 149-170, 1980.
- FUJITO, Yoshiko, NAKANO, Eiko e SETON, Cyndee. Japanese Pronunciation Guide for English Speakers. Tóquio, Bonjinsha, 1979.

- GALISSON, R. e COSTE, D, Dicionário de Didáctica das Línguas. Coimbra, Livraria Almedina, 1983..
- GAUNTLETT, J. O. Phonetic Discrepâncias in Japanese Loanwords , In : The Study of Sounds . Tóquio, (12), 308 - 326, 1964.
- GIET, Franz. The Typical Difficulties of a Japanese Student in Pronouncing Foreign Sounds and How to Overcome Them. in; The Study of Sounds. Tóquio, (9), 189 -203, 1961.
- HALLIDAY, M. A. K., McINTOSH, Angus e STREVENS, Peter. As Ciências Linguísticas e o Ensino de Línguas. Petrópolis, Vozes, 1974.
- HAN, Mieko Shimizu. Acoustic - Study of Speech Tempo. In: The Study of Sounds. Tóquio, (12),
- _____. The Feature of Duration in Japanese. in: The Study of Sounds. Tóquio, (10), 65 - 80, 1962.
- _____. Japanese Phonology: An Analysis Based upon Sound Spectrograms. Tóquio, Kenkyusha, 1962.
- _____. Unvoicing of Vowels in Japanese. In: The Study of Sounds. Tóquio, (10), 81 - 99, 1962.
- HARAGUCHI, Shôsuke. The Tone Pattern of Japanese: An autosegmental Theory of Tonology. Tóquio, Kaitakusha, 1977.
- HARUTA, Kenji e CANCINO, Herlinda. Trends in Second - Language - Acquisition Research. In;: Harvard Educational Review. (47): 3, 294 - 316, 1977.

- HIBI, S. R. on The Rhythm Pattern of Repetitive Utterances.
In: Annual Bulletin. Tóquio, 14, 85 - 90, 1980.
- HILL, Archibald D. org. Aspectos da Lingüística Moderna.
2 ed. São Paulo, Cultrix e Ed. Universidade de São
Paulo, 1974.
- HIRAYAMA, Teruo. A Study of Japanese Accent. In: The Study
of Sounds. Tóquio, (9), 1961.
- HIROSE, Hajime e USHIMMA, Tatsujiro. More on Laryngeal Con-
trol for Voicing Distinction in Japanese Consonant
Production. In: Annual Bulletin. Tóquio, 10, 101-111,
1976.
- INOUE, OKuhon. On Two Kinds of Recording Apparatus for
Accent. In: The Study of Sounds. Tóquio, (4), 1956.
- ISHIGURO, ROHEI. On the Japanese (n). In: The Study
of Sounds. Tóquio, (4), 1956.
- ISSHIKI, Masako. A Comparativo Analyses of English and Ja-
panese Phonemes. In: The Study of Sounds.. Tóquio (8),
193 - 211, 1960.
- _____. A contrastive Analisis of English & Japanese vo-
wel Phoneme. In: The Study of Sounds. Tóquio, (11),
1963.
- ITO, JUNKO e MESTER, Ralf-Armin. The Phonology of Voicing
in Japanese: Theoretical Consequences for Morphologi-
cal Accessibility. In: Linguistic Inquiry, (17): 1,
49 - 73, 1986.

- ITO, K. A. Neuro - Synaptic Model of the Mashing and Unmashing Process in the Bilateral Auditory-System. In: Annual Bulletin. Tóquio, 18, 91 - 106, 1984.
- JIMBO, Kaku, Misunderstanding on Sò-called Experimental Phonetics. In: The Study of Sounds. (6), 1958.
- KANEKO, Naomichi. An Experimental Observation and Phonetic Analyses of Opposite Consonants such as /p/ : /b/. In: The Study of Sounds. Tóquio, (9), 1961.
- _____. Specific X-ray Observations on the Movement of Lower Jaw, Lips and Tongue in Pronunciation. In: The Study of Sounds. Tóquio, (8), 1960.
- KASAHARA, Goro. The Phonetic and Phonemic Descriptions of the Syllable. In: The Study of Sounds. Tóquio, (8), 1960.
- KAWAKAMI, Shin. An Introduction to Japanese Accent. Tóquio, Gakushobô-shupan, s. d.
- _____. Japanese Accent, Observed by the Aid of Pitch-graph. In: The Study of Sounds. Tóquio, (10), 1962.
- _____. On the Relationship between Word - tone and Phrase - tone in Japanese Language. In: The Study of Sounds. Tóquio, (9), 169 - 177, 1961.
- _____. Nihongo Onsei Gaiset. Tóquio, Ôhusya, 1983 (6^a imp.)
- KAWAMOTO, T. Sound Correspondence between Japanese and Indo-European Languages Together with some Linguo-chronological Attempts. In: The Study of Sounds. Tóquio, (12), 1964.
- KINOSIIITA, S. Why does the Word-pitch Change in Japanese? And What is the Intrinsic Role of Accent. In: The

Study of Sounds. Tóquio, (12), 1964.

KIRITANI, S., IMACAWA, H. TAKAHASHI, T., MASÁKI, S e SHIRAI, K. Temporal Characteristics of the Jaw Movements in the Production of Connected Vowels. In: Annual Bulletin. Tóquio, 16, 1-10, 1982.

KOBAYASHI, Mitsushige. Distinction Between [n] and [ŋ]. In: The Study of Sounds. Tóquio,

_____. Nasalized Sounds and Nasal Resonant Sounds. In: The Study of Sounds. Tóquio.

KOBAYASHI, Ryuji. An Experimental Study of Tonal Nature of the Japanese. In: The Study of Sounds,. Tóquio, (14), 1966.

_____. A New Pitch and Intensity Indicator for Speech Analysis. In: The Study of Sounds. T ó q u i o , (9) , 1961.

KOIZUMI, Tamotsu. Some Problems of Vowel System. In: The Study of Sounds. Tóquio, (10), 1902.

KUSAKABE, Fumio. Syllabic Construction of the Tokyo Dialect. In: The Study of Sounds. Tóquio, (10), 171-197, 1962.

LACERDA, Armando de. Objectos Verbais e Significado Elocucional, Toemos e Entoemas. Entoação. Coimbra, Instituto de Alta Cultura, 1975.

LADEPORCED, P. New Research Techniques in Experimental Phonetics. In: The Study of Sounds. Tóquio, (12), 1964.

LADO, Robert, Linguistics across Cultures. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1966.

- LANDERCY, ALBERT e RENARD, Raymond. Elements de Phonétique. 2 ed. Bruxelas, Didier e Centre International de Phonétique Appliquée de Mons, 1977.
- LANGACKER, Ronaldo IV. A Linguagem e sua Estrutura. 4 ed. Petrópolis, Vozes, 1980.
- LEHISTE, I. Phonetic Manifestation of Syntactic Structure in English, In: Annual Bulletin. Tóquio, 14, 1 - 28, 1980.
- LÉON, Pierre R. e MARTIN, Philippe. Prolégomènes à l'étude des Structures Intonatives. Ottawa, Mareei Didier, 1969.
- LOVINS, Julie B. Pitch Accent and Vowel Devoicing in Japanese: A Preliminary Study, In: Annual Bulletin. Tóquio, 10, 113 - 125, 1976.
- LYONS, John. Introdução à Linguística Teórica. São Paulo, Ed. Nacional e Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.
- _____. Língua (gem) e Linguística. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- _____. org. Novos Horizontes em Linguística. São Paulo, Cultrix e Ed. Universidade de São Paulo, 1976.
- MAEDA, Hisashi e SOMEDA, Toshinobu. The Studies in Japanese Intonation with Special References to English Intonation. In: The Study of Sounds. T ó q u i o , (9) , 1961.
- MAGRO, Maria Cristina. Análise Constrativa e Análise de Er-

ros: Um estudo comparativo. In: Ensaio de Linguística. Belo Horizonte. (20): 3, 1980,

MALMBERG, Bertil. A Fonética. Col. Vicia e Cultura nº 49. Lisboa, Ed, "Livros do Brasil", s.d.

. As Novas Tendências da Linguística. São Paulo, Cia. Editora Nacional e Ed. da Universidade de São Paulo, 1971.

_____. ed. Manual of Phonetics. Amsterdam, North - Holland e American Elsevier, 1968.

_____. Manuel de Phonétique Gériérale. Col. Connaissance des Langues. Vol. 9. Paris, Éditions A. & J. Ricard, 1974.

_____. Phonétique Française. Malmo, Hermods, 1969.

MANN, Virginia A. Temporary Memory for Linguistic and Non linguistic Material in Relation to the Acquisition of Japanese Kana and Kanji, In: Speech Research. New Haven, 81, 121 - 134, 1985.

MARTIN, Samuel. Morphophonemics of Standard Colloquial Japanese. Language, 3 (28): (Parte 2), 1952.

MARTINET, Jeanne. Da Teoria Linguística ao Ensino da Língua. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1979.

MARTINS, Maria Raquel Delgado. Sept études sur la Perception. Accent et Intonation du Portugais. Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras, 1983.

MASCHERPE, Mário. Análise Comparativa dos Sistemas Fonológicos do Inglês e do Português. São Paulo, Faculdade

de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1970.

_____. MASE, Yoshio, Burajiru Nikkeijin no Nihongo.

In: Gongo Seikatsu. Tóquio, 418, 1986.

MATTA MACHADO, Mirian Therezinha da. Étude Articulaire et Acoustique des Voyelles Nasales du Portugais de Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Université des Sciences Humaines de Strasbourg, 1981.

_____. Etude des Phénomènes de Intonation en Portugais

de Rio. Dissertação do "Diplome de Phonétique". Université de Paris - Sorbonne, 1966.- mimeo.

. Prática de Transcrição Fonética. Brasília, 1987.

(Em elaboração).

MITSUYA, F. e SUCITO, M. A Study of the Accentual Effect on Segmental and Moraic Duration in Japanese. In: Annual Bulletin. Tóquio, 12, 97 - 112, 1978.

_____. Languages and Japanese Sounds. In: The Study of Sounds. Tóquio.

MIURA, Katsukichi e SAEKI, Kòsuke. On the Nature of Sokucn and Hatsuon, and the Definition of Phone. In: The Study of Sounds. Tóquio.

MIYAKE, Takeo. On the Three and Two Level Analysis of Tokyo Pitch Accent. In: The Study of Sounds. Tóquio, (3), 1955.

MIYAUCHI Tamako. On Pitch Accent of Japanese and English. In: The Study of Sounds. Tóquio. (7), 1959.

MORAES, João Ant3nio. Acentua33o Lexical e Acentua33o Frasal em Portugu3s. Um Estudo Acústico-Perceptivo. In: MATTA MACHADO, M.T. da.org. Anais do IIº Encontro

Nacional de Fonética e Fonologia, (em elaboração).

_____. Recherches sur l'Intonation modale du Portugais Bresilien parlé a Rio de Janeiro. Analyse Acoustique, Percceptive et Fonctionnelle. Tese de Doutorado. Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III.

MORIKAWA, K. On the Method of Analysing Speech Sounds. In: The Study of Sounds. Tóquio, (12), 1964.

NAGARA, Susumu. Japanese Pidgin English in Hawaii: A Bilingual Description. Honolulu, The University Press of Hawaii, 1972.

NAITÔ, Kôbun. On Some Japanese Peculiar Consonant Phonema. In: The Study of Sounds. Tóquio, (9), 117 - 125, 1961.

NAKAGAWA, T. SAITO, S. e YOSHINO, T. The Influence of Consonantal context on Vowel Identification. In: Annual Bulletin. Tóquio, (17), 107 - 114, 1983.

NAKANO, Kazuo. Audition and Oscillography of Recorded Speech - Sounds. In: The Study of Sounds. Tóquio, (9), 1961.

NEUSTUPNY, J. V. A Phonetic Basis for the Syllabic Nasal in Japanese. In: The Study of Sounds. Tóquio, (14), 1966.

_____. The Linguistic Typology and Analysis of the Phonological System of Japanese. In: The Study of Sounds. Tóquio, (11), 337 - 341, 1964.

_____. Possibility of Three Accent Unit in Japanese.

- In: The Study of Sounds. Tóquio, (11), 1963.
- NICKEL, Gerhard.ed. Papers in Contrastive Linguistics.
Cambridge, Cambridge University Press, 1971.
- NIHONGO: A Pronúncia da Língua Japonesa. Tóquio, The Japan
Foundation, 1980.
- _____. KANA - Uma Introdução ao Silabário Japonês, Tó-
quio, The Japan Foundation, 1980.
- NOMOTO, Kikuo. Burajiru no Nihongo. In: Gengo Seikatsu, (12).
67 - 75, 1969.
- OHYE, Saburo. Some Phonological Problems in Language Con-
tact. In: The Study of Sounds. Tóquio, (13), 83 -90,
1965.
- _____. The Mora Phoneme /Q/ in English Loan Words in
Japanese. In: The Study of Sounds. Tóquio, (15), 111,
1965.
- ÔIZUMI, Jurô. On the Study of Recognition and Synthesis
of Japanese Speech by the Physical Method. In: The
Study of Sounds. Tóquio, (10), 1962.
- _____. Influence of Pitch Fluctuation on the Quality of
Synthesized Japanese Vowels. In: The Study of Sounds.
Tóquio, (11), 1963.
- ONISHI, Masao. The Phase and Law of Phonetic Changes in the
Tokyo Speech. In: The Study of Sounds. Tóquio, (10),
147 - 169, 1962.
- OTOMO, Shin'ichi. The Appearance of the Phoneme /h/ in the
Japanese Phonemic Pattern. In: The Study of Sounds.
Tóquio, (10), 1962.
- PAGEL, Dário Fred. Aspects Acústicos das Vogais Inacentua-
das do Português na região bilíngue de Blumenau, de-

terminados pelo Método Sonográfico. Encontro Universitário Sobre as Tendências Atuais da Fonética. Brasília, UnB, 1983.

_____. Contribuição para o Estudo das Vogais Finais Inacentuadas em Português. In: MATTA MACHADO, M. T. da. org. Anais do IIº Encontro Nacional de Fonética e Fono-
logia. Brasília, 1986. (em elaboração).

_____. Etude Acoustique des Voyelles du Portugais Parlé á Blumenau, à partir de la Méthode Sonographique. Tese de Doutorado. Université des Sciences Humaines de Strasbourg, 1981.

PASSEL, Frans Van. Ensino de Línguas para Adultos. Bibl. Pioneira de Linguística. São Paulo, Livraria Pioneira Ed. e Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.

RIVERS, Wilga M. e TEMPERLEY, Mary S. A Practical Guide to the Teaching of English as a Second or Foreign Language. New York, Oxford University Press, 1978.

ROULET, Eddy. Teorias Linguísticas Gramática e Ensino de Línguas. Bibl. Pioneira de Linguística. São Paulo, Livraria Pioneira Ed., 1978.

SAKUMA, Kanae. On Central Vowel (u) in Chinese and Japanese. In: The Study of Sounds. Tóquio.

_____. On Oscilogram of the Japanese Consonant in "ra". In: The Study of Sounds. Tóquio, (4), 1956.

_____. The Results of Experimental Phonetics. In: The Study of Sounds. Tóquio, (5), 1957.

SATO, Sfriguero. On Pauses for Breath in Japanese. In: The Study of Sounds. Tóquio (8), 1960.

_____. Takeshi. Several Methods on Measurement of Sound-value. In: The Study of Sounds. Tóquio, (7), 1959,

SAWASHIMA, M. Devoicing of Vowels. In: Annual Bulletin, Tóquio, 5, 7 - 13, 1971.

_____. HIROSE, H., YOSHIOKA, H. e KIRITANI, S. Interaction between Articulatory Movements and Vocal Pitch control in Japanese Word Accent. In: Annual Bulletin, Tóquio, 16, 11 - 20, 1982.

_____. Vocal Pitch Control in Word Accent and Sentence Intonation in Japanese. In: Annual Bulletin. Tóquio, 14, 53 - 64, 1980.

SHIGENO, S. e FUJISAKI, H. Context Effects in Phonetic and Non-Phonetic Vowel Judgements. In: Annual Bulletin. Tóquio, 14, 217 - 224, 1980.

_____. e _____. A Primary Study on the Effects of Loudness, Duration and Number of Repetitions of Context Stimulus upon Vowel Perception. In: Annual Bulletin. Tóquio, 15, 63 - 70, 1981.

SHIMADA, 2. e HIROSE, H. Physiological Correlates of Japanese Accent Patterns. In: Annual Bulletin. Tóquio, 5, 41 - 43, 1971.

SHIMAOKA, Takashi. A Constructive Study on Rhythm and Intonation of English and Japanese with Spectrographic Analysis. In: The Study of Sounds. Tóquio, (12), 347-362, 1964.

- SOMBDA, Toshinobu., Articulatory Setting of the Japanese Language Compared with those of English and French. In: The Study of Sounds. Tóquio, (12), 327-335, 1964.
- SUDO, M., KIRITANI, S. e YOSHIOKA H. An Electro-Palatographic Study of Japanese Intervocalic /r/. In: Annual Bulletin. Tóquio, 16, 21 - 26, 1982.
- _____, _____ e SAWASHIMA, M. The Articulation of Japanese Intervocalic /d/ and /r/: An Electro - Palatographic Study. In: Annual Bulletin. Tóquio, 17, 55-60, 1983.
- SUGITO, Miyoko. Reciprocal - Affections of Japanese Vowels and Consonants. In: The Study of Sounds. Tóquio, (13), 91 - 110, 1965.
- _____. A Study on Voiceless Vowels in the Tokyo and Osaka Dialects. In: The Study of Sounds. Tóquio, (14), 249 - 264, 1966.
- SUGITO, U. The [u] - sound in Japanese. In: The Study of Sounds. Tóquio, (12), 268 - 285, 1964.
- SUZUKI, Teiichi. Kaigai ni okeru Nihongo no Kenkyu to Nijôiku. In: Kokugo Nenkau, Tóquio, 52 - 56, 1980.
- TOKUGAWA, Munemasa e YAMAZAKI, Makoto. Akucento. Tóquio, Yuseidôshupan, 1980.
- TROJAN, F, e SCHENDL, H. An Auditive Testing of African and Asian Languages. In: The Study of Sounds. Tóquio, (14), 1966.
- TROYAN, Felix. The Biological Basis of the Sound System,

Biblioteca Central

809.56-4:
806.90-4
(043)
J74A
E.2

NRO REG. 8904190-9 TE

JOKO, ALICE TAMIE
ANALISE CONTRASTIVA
DOS SISTEMAS FONOLÓGICOS
DO JAPONES E DO PORTUGUES:
SUBSIDIOS PARA O ENSINO DE
JAPONES PARA FALANTES DE
PORTUGUES DO BRASIL

In: The Study of Sounds, Tôquio, (11), 1963.

USHIJIMA, T. e SAWASHIMA, M. Fiberscopic Observation of
Velar Movements During Speech. In: Annual Bulletin,
Tôquio, 6, 25 - 38, 1972.

UYENO, T., HAYASHIBE, H., IMAI, K., IMAGAWA, H. e KIRITANI,
S. Syntactic Structures and Prosody in Japanese:
A Study on Pitch Contours and the Pauses at
Phrase Boundaries. In: Annual Bulletin, Tôquio, 15,
91 - 108, 1981.

YAMADA, Yukihiko. Bilingual Description of Sounds: Japanese
and Cantonese. In: The Study of Sounds, (11),
213 - 233, 1963.

YATABE, Shōichi. On Japanese Phonemes. In: The Study of
Sounds, Tôquio, (9), 1961.

YOSHIOKA, H. e HIROSE, H. Laryngeal Adjustments in Japanese
Word Accent. In: Annual Bulletin, Tôquio, (15),
17 - 30, 1981.

ZIMMERMANN, Gerald N., Price, P. J. e AYUSAWA, Takako, The
Production of English /r/ and /l/ by two Japanese
Speakers Differing in Experience With English. In:
Journal of Phonetics, Londres, 12, 187 - 193, 1984.

N.Cham 809.56-4:806.90-4(043)J74a

6.90-4 Autor: Joko, Alice Tamie

Titulo: Analise contrastiva dos sistemas



8904190

Ac. 84311

EX.2 BCE